

Era outra vez

LIVRO 2

SE O SAPATINHO SERVIR

Sarah Mlynowski
autora de *Me liga*

Mais de
2 MILHÕES
de exemplares
vendidos nos EUA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Obras da autora publicadas pela Galera Record

Feitiços e sutiãs

Sapos e beijos

Férias e encantos

Festas e poções

10 coisas que nós fizemos

Me liga

Era outra vez
LIVRO 2

SE O SAPATINHO SERVIR

Sarah Mlynowski
autora de *Me liga*

Tradução de
ALDA MARIA

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2015

Mlynowski, Sarah, 1977-

M681s Se o sapatinho servir [recurso eletrônico] / Sarah Mlynowski; tradução Alda Lima. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.

recurso digital (Era outra vez; 2)

Tradução de: If the shoe fits

Sequência de: A mais bela de todas

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10491-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Lima, Alda. II. Título. III. Série.

15-22009

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:

If the shoe fits

Copyright © 2013 by Sarah Mlynowski

Publicado originalmente por Scholastic Inc. SCHOLASTIC e logos associados são marcas e/ou marcas registradas de Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Design de capa: Marília Bruno

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10491-5

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.



Atendimento e venda direta ao leitor
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Lauren Myracle e Emily Jenkins,
minhas parceiras no crime.

Capítulo um



Meu espelho mágico deve estar quebrado

Tenho um espelho mágico no porão e vou usá-lo.

Jonah está com as mãos paradas em frente ao espelho.

— Está pronta?

— Ah, sim!

Com certeza estou pronta. Faz três dias que estou *tentando*. Quatro noites atrás, Jonah e eu sem querer fomos sugados pelo espelho e acabamos parando na história da Branca de Neve. Bem, tecnicamente, fomos parar no reino de Zamel. Que rima com Cozumel. E é onde mora a Branca de Neve.

Se eu soubesse que iríamos para Zamel, não teria vestido pantufas e pijama. Escolheria uma calça jeans, um agasalho bonitinho e tênis. Mas não sabia onde estávamos até termos estragado a história de Branca de Neve.

Mas não se preocupe! Tudo terminou bem. Diferente, mas bem.

Acabei deixando meu pijama e as pantufas na casa de Branca. As pantufas já estavam bem velhas, mas o pijama era o meu favorito. Numa das noites, Branca os pegou emprestado e me emprestou uma saia e uma blusa. Mas pegar meu pijama de volta não é a única razão para eu querer visitar a Branca de Neve. Também queria saber por que Maryrose, que mora dentro do espelho mágico, mandou Jonah e eu a Zamel, para começo de conversa. Tem que haver um motivo, certo? E por que o espelho mágico no quarto de Branca pediu para que não contássemos aos nossos pais sobre o que aconteceu?

Jonah e eu decidimos descobrir.

Quando fomos para Zamel, o espelho nos sugou bem à meia-noite. Então, na noite seguinte depois de voltarmos, ajustei o alarme para 23h51. Vesti um par de calças jeans. Um agasalho. E calcei os tênis. Acordei meu irmão mais novo, Jonah. Ele vestiu as calças. Um agasalho. E calçou os tênis. Descemos os dois andares até o porão e, chegando lá, fechamos a porta.

Jonah bateu uma vez. Depois mais uma. E outra. Bateu três vezes, como na primeira noite.

Mas não funcionou.

Ficamos lá parados, esperando, mas nada aconteceu.

Nada de redemoinho. Ou assovios. O espelho não abriu a grande boca para nos engolir inteirinhos.

Na noite seguinte, tentamos de novo. Acordamos lá pela meia-noite. Vestimos os jeans. Os agasalhos. Calçamos os tênis. Fomos de mansinho até o porão. Batemos uma, duas vezes. E então uma terceira.

Nada, nada, nada!

Esta é a Noite Número Três. Todo mundo sabe que três é um número mágico. Ainda mais quando estamos falando de contos de fadas.

Então aqui estou. No porão. De novo.

Jonah já ergueu o punho na frente do espelho. De novo.

— Pronta — digo. Envolver meu próprio corpo com os braços. Lá vamos nós. Vai funcionar. Eu sei que vai.

Jonah bate.

Uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

Nada de redemoinhos, nada de assovios, nada de nada.

Bato com o tênis no chão.

— Eu não entendo!

Johan solta um suspiro decepcionado e baixa os braços magros ao longo do corpo.

— Você acha que está quebrado?

Examino o antigo espelho. Parece exatamente igual a quando o atravessamos pela primeira vez. Tem o dobro do meu tamanho. A parte de vidro está limpa e lisa. A moldura é de pedra, decorada com pequenas fadas com varinhas e asas. O espelho está pregado à parede com parafusos imensos. Faz alguns meses que nos mudamos para Smithville e para a nova casa, e o espelho veio junto. Eu costumava achar o espelho meio assustador. Acho que ele ainda é meio assustador.

Mas não é só assustador. Também é divertido. E mágico.

— Não parece quebrado — digo, olhando meu reflexo e do meu irmão. O cabelo de Jonah é castanho, curto e meio bagunçado, com fios espetados em todas as direções. O meu cabelo bate na altura do ombro e é ondulado, mas, ainda assim, está arrumadinho. — Me deixe tentar — completo.

Bato uma vez. Duas. Três.

O cômodo permanece em silêncio.

— Alô? Maryrose? Você está aí? — Sei que disse que Maryrose mora dentro do espelho, mas, para ser sincera, não tenho muita certeza. Tudo o que sei é que Maryrose tem alguma relação com o espelho. Eu acho. Na verdade não sei muita coisa. Dou um suspiro. — Talvez a gente tenha imaginado tudo.

— De jeito nenhum! — responde Jonah. — Estivemos mesmo lá. Sei que foi verdade. Nós conhecemos Branca de Neve! Comemos os sanduíches de ensopado que ela preparou! Hum. Eu queria que mamãe e papai fizessem aqueles sanduíches para jantarmos um dia.

Dou uma bufada. Primeiro: os sanduíches de ensopado de Branca eram nojentos. Segundo: é altamente improvável que meus pais testem uma nova receita no momento. Tipo uma em um zilhão. Eles não cozinham há semanas. Pedimos pizza nas últimas duas noites — não, nas últimas três.

Não me leve a mal. Gosto de pizza. Que criança de dez anos não gosta de pizza? Que adulto não gosta de pizza? Jonah AMA pizza, embora ele insista em mergulhar a borda no Ketchup, algo muito nojento. Mas três noites seguidas é um exagero. Qual o problema de cozinhar? O que há de errado com um bolo de carne? O que há de errado com uma salada?

Meus pais costumavam cozinhar o tempo todo, antes de nos mudarmos para Smithville. Eles tinham tempo de cozinhar. Agora trabalham o tempo todo. São advogados e acabaram de abrir o próprio escritório. Vivo dizendo a eles que sou crescida o bastante para cozinhar, mas eles não me ouvem. Só porque quase incendiei nossa antiga casa um dia, quando pus minhas meias na torradeira UMA ÚNICA VEZ. O que posso dizer? Eu queria meias torradas. E eles nem me deixam chegar perto da máquina de lavar, o que não faz sentido algum. Certo. Usei detergente demais e transformei a lavanderia em um banho de espuma, mas, de novo, UMA ÚNICA VEZ.

Dou um bocejo.

— Vamos voltar pra cama.

— Mas quero uma aventura! Talvez o espelho possa nos levar para outros lugares! Como a África! Ou Marte! Ou o palácio de Buckingham!

— Já tentamos três vezes Jonah. Não podemos repetir isso todas as noites. Estamos em fase de crescimento. Precisamos dormir.

O lábio inferior dele se retorce.

Deixo que ele tente mais uma vez, embora eu saiba que NÃO VAI funcionar. Sou três anos mais velha do que ele. Sei como são essas coisas. E estou certa. É claro que estou. Estou sempre certa. Subo as escadas com ele, de volta para o último andar, e o conduzo até o seu quarto.

Jonah tira os tênis e enfia o rosto no travesseiro.

No meu quarto, enquanto troco de roupa e visto meu segundo pijama favorito, fico pensando se realmente não tínhamos imaginado tudo.

Mas espere aí! Minha caixinha de joias está na penteadeira. Na tampa há ilustrações de personagens de contos de fadas. Branca de Neve está entre Cinderela e A Pequena Sereia. Definitivamente Branca não está usando seu vestido bufante. Ela está com o meu pijama verde-limão, e isso quer dizer que *realmente* aconteceu.

Então por que o espelho não está funcionando?

Capítulo dois



Chega de cereal, por favor

Blah, grrrhh, blah.

Sim, estou de mau humor esta manhã. Quer saber por quê?

1. Estou cansada por causa da noite de ontem.
2. Estou comendo cereal no café da manhã — DE NOVO —, mesmo que tenha uma dúzia de ovos na geladeira.
3. Não tenho nada para vestir, porque todas as minhas roupas estão sujas.

Não estou dizendo que preciso de um café da manhã fresquinho todas as manhãs, mas os ovos estragam amanhã. Sei disso porque verifiquei a data de validade na caixa. Será que algum dia meus pais vão cozinhá-los? Por que compraram os ovos, então?

E a roupa suja?! Eles não lavam roupa há mais de uma semana! O que os impede de lavar a roupa? — Tive que usar a calcinha de macacos — reclamo, me mexendo desconfortável.

Minha mãe deveria saber o que isso significa. Tenho duas calcinhas de macaco que nunca, JAMAIS uso, a não ser que seja absolutamente necessário, porque não gosto de lingerie muito cavada. Eu devia ter jogado essas calcinhas fora. Mas é claro que, se eu as tivesse jogado fora, teria que ir à escola com uma calcinha suja. Eca. O que eu preciso mesmo é: a) que meus pais me levem para fazer compras, ou

b) que eles lavem a roupa suja. Mas parece que nenhuma das duas coisas vai acontecer, já que os dois mal têm tempo para escovar os dentes.

É sério. Acho até que meu pai se esqueceu de escovar os dentes quando acordou. Ele está com bafo do pepperoni de ontem. Mamãe bagunça o meu cabelo.

— Desculpe, querida. Vou tentar cuidar da roupa suja hoje à noite.

— Se eu não tiver nada para vestir, posso usar a sunga do Homem-Aranha por baixo da calça jeans? — pergunta Jonah.

— Não, querido — responde meu pai. — Não seria muito confortável.

Como se calcinhas cavadas que entram no bumbum fossem confortáveis!

* * *

O dia chegou ao fim, já estou na cama e não me sinto nada feliz.

1. Comemos pizza no jantar. De novo. Esqueça aquela história de ficar fedendo a pepperoni. Porque é provável que eu *vire* um pepperoni.
2. Ninguém lavou a roupa suja. Vou ter que usar a outra calcinha de macacos amanhã, o que quer dizer que ela vai ficar me incomodando. *De novo*. E depois disso — tremo só de pensar — só vou ter calcinhas sujas.

Jonah, que já devia estar dormindo, pois teve que ir pra cama há uma hora, enfia a cara no vão da porta e sussurra:

— Te vejo meia-noite!

Aperto os lábios.

— Tá. Vou tentar de novo. Mas é porque acho que vai funcionar.

— Aposto que vai — responde ele, animado.

— E você diz isso baseado em quê? Em não ter funcionado nas últimas três noites? — pergunto, usando o meu melhor tom de advogada.

Vou ser advogada quando crescer. Não porque quero ser advogada, mas porque quero ser juíza. É preciso advogar antes de se tornar juiz. É a regra. E que fique registrado: quando eu for advogada, ainda farei coisas como cozinhar e lavar a roupa.

— Alguma hora tem que dar certo — raciocina Jonah. — Vou programar meu alarme.

Enfio a cabeça no travesseiro.

— Tá. Vou programar o meu também.

Farei meu irmão feliz voltando ao porão. Mas essa é a última vez. Depois de hoje, o espelho estará morto para mim. Chega.

— Abby, vamos lá. Acorda!

Abro um olho, depois o outro. Meu irmão não sabe que precisa bater na porta? É a regra.

O alarme soa, e estico a mão para desligá-lo. Resmungo. Não. Estou. A. Fim. Mas coloco as pernas para fora da cama de todo modo.

— Você não vai trocar de roupa? — pergunta Jonah.

Ele está de calça jeans. Um agasalho vermelho. E tênis.

— Não. — Vou continuar de pijama cor-de-rosa com bolinhas roxas. Não gostaria de ser flagrada assim fora de casa, mas não estou preocupada. Não é como se o espelho fosse funcionar.

Certo, vou contar o segredo. Já ouviu a expressão “Esperar sentado”? Minha avó diz isso o tempo todo. Significa que não adianta você esperar que algo aconteça, porque não vai acontecer. Mas, se não ficar esperando, acontece! Igual quando esperamos a ligação de um amigo e passamos o tempo todo encarando o telefone, torcendo para que ele toque. Não toca. Mas, se você sair para fazer o dever de casa, antes que perceba, seu amigo liga — oba! — e te interrompe.

Então é isso que estou pensando: e se *isso aqui* for como *aquilo lá*? Quando eu me arrumo toda esperando que o espelho me deixe entrar, não funciona. Mas, se eu estiver usando o pijama MAIS RIDÍCULO que tenho, o único que ainda está limpo, o espelho vai pensar que eu não estou esperando entrar e finalmente vai nos deixar passar!

Deixo a ideia de lado, escondo-a bem no fundo da minha mente. Se o espelho souber que estou tentando enganá-lo, minha artimanha não vai funcionar.

Lá, lá, lá. Nada de artimanhas por aqui. Só eu e meus pijamas ridículos.

E tênis. (Não tenho escolha. O chão do porão é bem frio, e meus chinelos continuam na casa de Branca de Neve). Desço as escadas com Jonah. Fecho a porta do porão. Ficamos parados em frente ao espelho.

Jonah bate uma vez.

Bate duas vezes.

— Está pronta? — pergunta.

— Tanto faz — respondo, tentando soar entediada.

Ele bate pela terceira vez — triplo.

Rá! Essa palavra não é engraçada? Parece um utensílio de cozinha. Para que ovos batidos fiquem bem fofos, eu uso um triplo. Só que ninguém mais come ovo aqui em casa.

— Abby...

— Não funcionou — digo. — Vamos voltar para a cama. Estou cansada.

— Mas Abby...

— Talvez a gente *tenha* imaginado a coisa toda. Até a caixinha de joias. Ou talvez Maryrose tenha viajado. Ou talvez tenha ido com a gente até a história de Branca de Neve e decidiu ficar por lá. Ou talvez...

— Abby!

— O quê?

Jonah aponta para o espelho.

— Veja!

Olho para o espelho. Está imóvel. Mas assoviando. E ficando meio roxo. Será que está funcionando?

Ai. Meu. Deus. Está funcionando!

— Uhu! — comemora Jonah. — Vamos voltar!

Vamos voltar! Vamos voltar! Vamos voltar e estou usando um pijama de bolinhas.

Capítulo três



Não estamos numa floresta

Jonah fica na ponta dos pés.

— Vamos entrar no espelho logo, antes que ele nos engula.

— Boa ideia — concordo. — Talvez assim ele também não devore mais nenhum móvel.

Da última vez, o espelho engoliu uma cadeira giratória e boa parte dos velhos livros de Direito dos meus pais. Acho que é até bom meus pais estarem tão ocupados que nem têm tempo de escovar os dentes, porque também não vieram aqui embaixo nos últimos dias. Eles fariam milhões de perguntas, e eu não teria respostas.

— Mal posso esperar para ver a Branca! — exclama Jonah. — E os anões! E todo mundo!

Dou a mão para o meu irmão.

— Eu também! Vamos lá!

Aperto firme a mão dele e avanço. A princípio, parece que estamos entrando num aspirador de pó. Fecho os olhos. Então, *bum!*

Caio de bunda no chão e abro os olhos. Estava esperando sentir o cheio das árvores. Ou da terra. Da última vez, aterrissamos no meio de uma floresta.

Mas não estamos numa floresta.

Onde estamos? Tudo está branco. E não tem NADA a ver com Branca de Neve.

— Jonah? Tá tudo bem?

— Estou preso.

— Preso onde?

Não faço ideia de onde estou. Por que tudo está branco? Estou dentro de um marshmallow? Estico o braço para tocar aquela brancura. É peluda.

É um bicho. Caramba! Um bicho me engoliu!

— Socorro! — grito. — Fui devorada!

Tento abrir caminho, empurrar a coisa branca e fugir. Mas acabo acariciando seu pelo. Own. É tão fofo!

Está imóvel. Tiro a pelagem de cima de mim e me levanto. A pele está pendurada em um cabide.

— Ah! É um casaco!

Dou uma olhada no pequeno espaço. Estamos cercados por casacos. Espere aí.

— Estamos em um armário!

Há cerca de cem casacos ao nosso redor. Casacos de couro. Casacos de lã. Casacos de pele de marta. Chapéus. Sapatos. Ponchos.

— Estamos em uma lavadeira? — pergunta Jonah.

— É um armário. Para guardar casacos. Eu acho — respondo.

A porta está levemente entreaberta, e dá pra ver um brilho de luz de velas.

— Não me lembro de Branca ter um armário destes — comenta Jonah.

— Não. Hummm. Que barulho é esse? Você está ouvindo a música?

Jonah concorda com a cabeça. Ouço cornetas e tambores. Uma música animada. Será que é uma festa?

A porta do armário se abre de vez. Um homem magro de cavanhaque, vestindo um uniforme roxo, segura um casaco de pano verde e ergue o braço para pegar um cabide da arara.

Tento me abaixar, mas é tarde demais.

— O que vocês estão fazendo aqui? — guincha ele.

— Não temos certeza? — respondo, em tom de pergunta.

— Espero que não estejam roubando os casacos, crianças! — grita o homem. — Estou prestes a ser promovido, não posso ser mandado embora!

— Não estamos roubando. Eu juro — me apresso em dizer.

— Estamos aqui para ver a Branca de Neve — completa Jonah.

O sujeito pisca.

— Está nevando? Então preciso jogar sal nas escadas.

— Não. Branca de Neve é uma pessoa. Não estou falando sobre o tempo — explica Jonah.

O homem balança a cabeça.

— Branca de Neve é um nome?

— Sim! — respondo. — É a rainha!

Quem é esse cara?

— A rainha de Flom se chama Clarissa.

— Flom? — repito.

— Sim, Flom.

— Estamos em Zamel — digo.

— Não — insiste o magrelo, puxando o cavanhaque. — Flom.

— Rima com bom — comenta Jonah.

— E com cupom — completa o sujeito. Ele nos olha com desconfiança. — Vocês não são daqui, são?

— Somos de Smithville — respondo.

— É muito longe?

— Fica a um espelho de distância — murmuro em resposta. — Então, tem certeza de que não existe nenhuma Branca de Neve por aqui? Queria saber onde estamos. Talvez em outra história... Você disse que a rainha se chama Clarissa?

— E o rei se chama Eugene. Jordan é o príncipe.

— Tem uma princesa? — pergunto.

— Ainda não. É claro que esperamos que isso mude. Quantos anos você tem? Uns 9?

— Dez anos e meio, pra sua informação.

Humpf. Tento passar, mas ele me bloqueia.

— O que está fazendo aqui? — pergunta o homem, e me olha de cima a baixo. — Você é o bobo da corte?

Sinto minhas bochechas queimarem.

— Não, não sou!

Realmente eu não calculei bem as consequências ao usar este pijama.

— Bem, você é nova demais para se casar.

— Hum, que novidade.

Um homem e uma mulher em casacos de pele de ovelha se aproximam do homem dos casacos.

— Não saiam daqui — diz o homem pra gente. — Preciso ajudar aqueles dois.

Beleza. E para onde iríamos? Estamos presos neste armário.

Ele faz uma reverência para o casal. O homem está usando um fraque, a mulher, um vestido longo de cetim.

Estamos em uma festa. Uma festa chique.

— Ai, meu Deus! Estamos em uma festa chique, e eu estou de pijamas! — grito para Jonah. — Que vergonha. Talvez eu não devesse sair daqui.

— Você acha que é um casamento? — pergunta Jonah.

— Talvez.

— Uma festa de 15 anos?

— Pode ser.

— Um bat mitzvah?

— Eu não sei, Jonah.

Terei um bat mitzvah quando fizer 12 anos. Mas não tem a menor chance de ser assim tão chique.

Analiso a mulher quando seu acompanhante entrega o casaco dela para o homem dos casacos.

Por falar em chique, o vestido dela é coberto por contas brilhantes e lantejoulas, e a saia, imensa e bufante.

É um vestido de baile. O que faz disto aqui um baile.

Um baile. Estamos num baile. Minha cabeça parece que vai explodir.

— Jonah! Olha o vestido dela! Sabe o que isso quer dizer?

— Que você está mesmo muito malvestida?

Aponto para ele.

— E essa sua roupa está longe de ser um fraque. Não é isso. Estamos em um baile. Pense. Quem tem um baile?

— Sei quem tem uma bola. Eu. Uma bola de futebol. Está em algum lugar do quintal, mas...

— Não, Jonah. Baile, não bola. Uma festa. Atravessamos o espelho, mas não estamos na história de Branca de Neve. Estamos em um baile, e tem um príncipe. Um príncipe à procura de uma princesa. Estamos na...

— Na África? Em Marte? No palácio de Buckingham?

Dou um sorriso.

— Não, Jonah. *Cinderela*.

Capítulo quatro



Olá, baile

— Você conhece Cinderela? — pergunto pro homem dos casacos.

Ele coça o cavanhaque.

— Nunca ouvi falar.

— Talvez você esteja enganada. Talvez esta não seja a história da Cinderela — comenta Jonah.

— Não, não. Estamos na história dela — respondo, pensando depressa. — O homem dos casacos trabalha no palácio, e deve ser por isso que não conhece a Cinderela. A família dela a mantém escondida em casa.

— Se você diz... — Jonah hesita. — Podemos explorar agora?

Jonah sempre quer explorar. Flom. Zamel. O porão.

— Espere um instantinho — diz o homem dos casacos, antes de Jonah conseguir me arrastar para fora do armário. — Vocês podem estar aqui? Foram convidados?

— Não exatamente — começa Jonah.

Dou aquela olhada pro meu irmão. Se o cara dos casacos nos expulsar, estaremos muito encrocados. O espelho que pode nos levar para casa deve estar aqui no castelo. Além disso, eu quero ver a Cinderela. Que menina não gosta da Cinderela? Aquele vestido lindo! Os sapatinhos de cristal!

Eu sempre quis ter um par de sapatos de cristal. E de sapatinhos vermelhos como rubi também. Hum, fico pensando por que chamam os sapatinhos de cristal de *sapatinhos*? São sapatos de salto. Saltos bem altos.

O homem dos casacos está me encarando. Ah, certo. Preciso arrumar uma desculpa para explicar por que estamos aqui.

— Nós estamos... Hum... Procurando nossos pais! — consigo dizer. — Eles nos trouxeram e pediram que esperássemos enquanto conversavam com alguns amigos.

Tudo bem. Inventei algumas coisas.

Muitas coisas, na verdade. Mas situações extremas exigem medidas extremas. Acabamos de chegar! Não podemos nos meter em confusão tão depressa!

O sujeito franze a testa.

— Bem, acho que o rei vai gostar da sua roupa.

Humpf. E eu acho que ele está sendo sarcástico.

Ele aperta os olhos com desconfiança.

— Vocês têm certeza de que seus pais estão aqui?

Jonah e eu concordamos com a cabeça.

O homem dos casacos dá de ombros.

— Tudo bem. Vão em frente. Divirtam-se.

Saímos do armário. E ficamos de frente para um tipo de entrada. O pé-direito deste lugar é bem alto. O teto vai até o céu. Lembra o ginásio da escola. Só que muito, muito mais bonito. E não fede.

— Veja — comenta Jonah. — Tem uma pintura no teto!

Olho para cima. Tem várias pessoas pintadas. Pessoas da realeza. Centenas de pessoas da realeza. Dá pra saber que são da realeza, pois todas usam coroas. Parece que essa família real existe há bastante tempo. Sinto que alguém está me encarando e desvio o olhar. O homem e a mulher que acabaram de entregar os casacos estão olhando pra mim.

Ou, mais provavelmente, para o meu pijama de bolinhas.

Que grosseria. Não pode ser a primeira vez que veem um pijama. Não precisam ficar *encarando*.

— Vamos entrar no baile — sugere Jonah, animado.

Percebo que uma mulher mais velha também está olhando para mim.

— Mas as pessoas estão me encarando! — sussurro.

— E daí? — pergunta Jonah.

— Elas acham que eu sou esquisita!

— Mas você é! E quem se importa? Vamos para a festa!

— Porque está muito óbvio que tem algo errado: estou de pijama! E você também! Com esse agasalho vermelho e calça jeans. Tá vendo mais alguém aqui de casaco e jeans? Estamos em um baile!

— Ninguém está prestando atenção em mim, já que estou do seu lado e você está com essa roupa. Pode acreditar.

— Obrigada — devolvo. — Temos que tomar cuidado. E se comentarem alguma coisa com o príncipe? E se a Cinderela me vir assim? E se eu bagunçar a história toda?

Jonah me ignora.

— Você acha que lá tem alguma coisa para comer? Deve ter salsicha empanada. Parece o tipo de festa com folhados de cachorro-quente.

— Está falando daqueles croissants de salsicha?

— Não, são folhados. — Ele balança a cabeça, inflexível. — São só cachorros-quentes feitos de massa folhada, não tem formato de croissant!

— Eu não inventei o nome, Jonah. Só estava corrigindo você.

— E quem se importa com o nome? Eu só quero comer alguns. Vamos!

Em vez de esperar pela minha resposta ou pela minha permissão para que vá para a festa, Jonah simplesmente sai andando.

Por que ele não pode entender que sou a irmã mais velha e, por isso, a responsável por todas as decisões?

Corro atrás dele baile adentro.

Uau. Tem, tipo, umas mil pessoas aqui. Dá para entender por que Cinderela ficou chateada por não ter sido convidada.

— Veja — digo, apontando. Em cima de um palco há duas pessoas sentadas em dois tronos roxos. — Devem ser o rei e a rainha.

A rainha exibe um sorriso perfeito. Os dentes dela são da cor de giz branco, e os cabelos loiros compridos e ondulados. Ela parece uma Barbie de carne e osso. Ou quem sabe uma participante de algum concurso de beleza.

O rei está ao lado dela, parecendo entediado. Ele não para de bocejar.

Entre os dois há uma bandeira gigantesca.

Deve ser a bandeira de Flom. E como ela é? Cor-de-rosa com bolinhas roxas.

Olho para o meu pijama. Olho para a bandeira.

Olho de novo para o meu pijama. E de novo para a bandeira.

Dou uma olhada ao redor e noto que uma multidão está acenando e sorrindo na minha direção.

— Bela roupa! — elogia uma mulher.

Ai meu Deus! Por isso ninguém me pôs para fora. Estou vestida com a bandeira de Flom! Sou a mascote deles!

Vou me entrosar fácil por aqui!

Espere aí! Talvez tenha sido por isso que o espelho finalmente nos deixou passar. É isso! Nunca teríamos conseguido entrar se eu não estivesse usando este pijama da bandeira de Flom.

Nosso espelho mágico é mesmo muito sagaz.

Vejo o príncipe pelo canto do olho.

Sei que ele é o príncipe porque:

1. Ele é bonito.
2. Ele é meio jovem (parece um adolescente, mas um pouco mais velho).
3. Ele está vestindo uma espécie de manto real roxo. (Ou talvez seja um roupão de banho por cima do pijama *dele*, mas duvido muito).
4. Ele tem uma coroa.
5. Ele está cercado por um monte de garotas. E um monte de risadinhas e cabelos esvoaçantes. É como assistir a um daqueles reality shows que a minha mãe costumava ver quando tinha tempo para

televisão. As meninas parecem tão idiotas. E eu sinto *tanta* vergonha alheia por elas.

— Príncipes também usam coroas? — pergunta Jonah. — Posso usar uma coroa?

Dou uma bufada.

— Por acaso você é príncipe?

— Mamãe diz que sou o príncipe *dela*.

— Então peça pra mamãe te dar uma coroa. Quem sabe ela não faz uma de papel alumínio?

— Deixe pra lá — diz ele. — Parece meio pesada. Ei, aquela ali é Cinderela? — pergunta ele, apontando para a menina parada ao lado do príncipe.

— Aquela? De jeito nenhum. — A menina para a qual ele aponta está usando um vestido bege e uma gargantilha dourada no pescoço. Definitivamente não é Cinderela.

— Como você sabe? — pergunta Jonah.

— Porquê... porquê... — O cabelo dela não é liso. Nem cacheado. Parece em ziguezague. Com um pouco de frizz.

E ela não é loira. Nem morena. Fica no meio dos dois.

Os olhos dela também não são azuis. Nem verdes. Ou brilhantes. São pequenos. E os lábios, finos.

— Ela é muito comum — respondo.

Não é feia nem nada assim, é apenas comum demais. Normal. E supostamente Cinderela é a moça MAIS linda do reino.

— Tem certeza? — pergunta Jonah. — O príncipe está conversando com ela. E parece estar gostando. Não é assim que acontece na história?

Observo com atenção e sou obrigada a concordar. O príncipe *está* conversando com ela. Está até rindo de algo que ela diz. Mas isso não quer dizer que quer se casar com ela, não é mesmo? Quero dizer, eu ri quando Zach Rothenberg enfiou um edamame no nariz na lanchonete da escola, mas isso não quer dizer que quero *me casar* com ele.

De repente, uma trombeta soa na porta. Todos no salão se viraram para olhar.

Então um dos porteiros anuncia:

— A princesa bela e desconhecida chegou!

Princesa bela e desconhecida?

Cinderela!

Capítulo cinco



**Lá está ela, a Miss Universo.
Ops, a Miss Flom**

Observo a reação do príncipe. Primeiro, ele se vira para olhar para o pai, o rei, que gesticula na direção da porta. Imagino que seja uma ordem real dizendo: Vá Receber a Princesa Desconhecida. O príncipe concorda com a cabeça e segue em direção à porta.

E a garota com quem ele estava conversando? Sua expressão é de pura decepção. Own. Não consigo não me sentir mal por ela. Mas qual é? Como uma menina comum pode competir com Cinderela?

Cinderela! Eu vou ver Cinderela!

A multidão sai pela porta para ver também.

Ai. Meu. Deus.

Primeiro vemos uma carruagem dourada.

— Aquilo já foi uma abóbora! — sussurro para Jonah.

Em seguida faço um gesto para os seis cavalos cinzentos, que estão relinchando.

— E aqueles eram camundongos!

Parados ao lado da carruagem estão seis lacaios e um cocheiro gordinho.

— E aqueles são o quê? — pergunta Jonah.

— Acho que o cocheiro era um rato. Mas esqueci o que eram os lacaios... Aranhas? Não, talvez lagartos?

Lá vem ela! Primeiro o pé. O pé com o sapatinho de cristal. A multidão se perde em oohhhhs e aaaahhhhs.

Ela sai da carruagem como se fosse uma estrela de Hollywood em noite de estreia e tapete vermelho.

Todos suspiram.

Eu suspiro. Ela é mesmo muito linda.

O vestido dela também é lindo.

Ela se parece com a Cinderela da minha caixinha de joias, naquele vestido de baile. É tão sofisticada. Tão maravilhosa. Tão brilhante!

— Ela é de tirar o fôlego — diz um homem com óculos de armação preta e grossa.

— Quem é ela? — pergunta uma mulher de batom cor-de-rosa bem vivo. — Ela é mesmo uma princesa?

— Ela com certeza não é daqui — diz uma mulher mais velha, inclinada sobre sua bengala. Em seguida ela estala a língua. — Podem acreditar. Eu saberia. Conheço todo mundo.

— O vestido dela é de prata de verdade! — comenta a mulher de batom cor-de-rosa.

— Não, é de platina — declara a mulher mais velha. — Isso é melhor do que prata. É melhor até do que ouro. Acredite em mim.

O vestido cintila. Cinderela cintila. Seu cabelo loiro está preso no alto da cabeça e puxado para trás em um tipo de coque superincrível. E o rosto dela está maquiado. Batom vermelho. Blush. Sombra prateada.

Ou talvez seja platinada.

Dá pra ver os olhos azuis dela daqui. Estão praticamente brilhando.

O príncipe aparece ao lado dela.

— Olá — cumprimenta, galante. — É bom ver você de novo.

— Olá — responde ela, piscando os cílios maquiados. — Também é bom ver você de novo.

Ahn? De novo?

— Eu não entendo — comenta Jonah. — Eles já se conhecem?

Isso é estranho. Como é que ele já a conhece? Dou um tapinha no ombro da mulher de bengala.

— Com licença — começo. — Como o príncipe conhece Cindere...quero dizer, a bela e desconhecida princesa?

Ela revira os olhos.

— Eles se conheceram no primeiro baile.

Ah! Isso mesmo! Existem muitas versões de *Cinderela*, e algumas delas mencionam mais de um baile. Vovó é professora de literatura e costumava ler todos os contos de fadas originais para mim quando morávamos perto dela, em Naperville.

Só não me lembro de quantos bailes eram. Humm. Provavelmente três. É claro — tudo nos contos de fadas acontece três vezes.

— Então foram três bailes? — pergunto.

Ela estala a língua de novo.

— *Nãããooo*. Foram dois. O de ontem e o de hoje. E fim.

Acho que *nem tudo* acontece três vezes nos contos de fadas. Eu me viro na direção de Cinderela. Ela é tão bonita. Ele é tão bonito. É um casal perfeito, realmente digno de contos de fadas!

— Não é romântico? — digo, quase babando. — Não é lindo?

— A outra garota não acha assim tão lindo — comenta Jonah, apontando com o queixo a menina que estava falando com o príncipe antes de ele a trocar por Cinderela.

A garota comum.

Ela parece mesmo arrasada. E não a culpo: ela estava fazendo o príncipe rir antes de Cinderela chegar. Se tivesse me perguntado, eu teria dito para ela se afastar. A garota pediu para ter o coração partido.

Sério. Todos deveriam me consultar antes de tomar decisões. É para o bem de todos.

— Abby, e agora? — pergunta Jonah.

— Só um minutinho — respondo.

Não consigo me impedir de seguir Cinderela e o príncipe quando os dois entram no salão de baile. Eles são tão magnéticos. Todos que estão no baile suspiram e apontam. Até a música para.

Todos estão hipnotizados. Todos menos meu irmão, mas ele é menino e tem 7 anos. Não dá pra esperar que ele aprecie um romance épico.

O príncipe enlaça Cinderela pela cintura e pega sua mão.

Suspiro.

A música recomeça. Meu coração levita. E eles começam a dançar.

Rumores e sussurros circulam pelo salão.

— Ouvi dizer que ela é a herdeira de uma dinastia de diamantes!

— Ouvi dizer que ela é a mais jovem entre as princesas de Roctavia!

— Ouvi dizer que ela recusou 13 propostas de casamento, mas acredita que o nosso príncipe é o homem certo!

Cubro a boca para não começar a rir.

— Abby — sussurra Jonah. — Eles estão enganados, né? Ela não é só uma menina comum que tem uma fada madrinha que a deixa bonita para vir ao baile?

— Ela sempre foi bonita — explico. — Mas a mãe dela morreu e então...

— Por que as mães sempre morrem nos contos de fadas? A mãe de Branca de Neve também tinha morrido.

— Eu não sei, Jonah. Não escrevo estas histórias. Só leio. O que eu estava dizendo?

— Mãe morta.

— Certo. A mãe dela morreu, e o pai se casou de novo, só que com uma madrasta malvada.

— E de novo uma madrasta malvada.

— Nem me fale.

— Mas a madrasta malvada tinha filhas?

— Sim. Duas. E elas não são bonitas como Cinderela.

— E por que ela veio ao baile de novo?

Felizmente, sempre mantive cem por cento da minha atenção focada nas histórias que a vovó contava. Jonah só mantinha uns trinta por cento.

— A madrasta foi convidada. Ela planejava ir com as filhas, esperando que o príncipe se apaixonasse por uma delas e a transformasse em princesa. Cinderela também queria ir, mas a madrasta não deixou de jeito nenhum. Ela fez Cinderela dormir no sótão e arrumar a casa inteira. A coitadinha começou a chorar e... pronto! A fada madrinha dela apareceu e disse que ia ajudar. Ela transformou um bando de animais em um cocheiro e lacaios, e os trapos que a menina usava em um belo vestido. E deu a ela um par de sapatinhos de cristal. Que figurinista sensacional, essa fada madrinha. Eu gostaria de ter uma. De todo modo, ela disse para Cinderela que ela deveria ir embora à meia-noite.

— Por quê?

— Porque é quando a magia termina.

— Mas, se ela é uma fada, por que não pode fazer a magia durar mais tempo?

Dou de ombros.

— Eu não sei. Mas o que acontece depois... Ou melhor, o que acontece agora é: Cinderela está se divertindo tanto que quase se esquece de que vai dar meia-noite. Ela sai correndo e deixa cair o sapatinho...

— Achei que fossem dois bailes.

— Ah. Tudo bem. Eu não me lembro de todos os detalhes, mas acho que, no primeiro baile, Cinderela dançou com o príncipe, mas se lembrou de ir embora antes de meia-noite. Só que no outro baile ela perde a noção do tempo e deixa o sapato para trás. O vestido volta a ser um trapo, e o cocheiro, os lacaios e a carruagem se transformam outra vez em camundongos, ratos, lagartos e abóbora. Enquanto isso, o príncipe pega o sapatinho e promete que quem quer que seja a dona dele será a sua esposa. Nos dias que se seguem, o assessor real percorre todas as casas do reino e faz com que as jovens experimentem o sapatinho. Ele cabe perfeitamente no pé de Cinderela. Ela mostra o par como prova, e tudo fica bem. Ela se casa com o príncipe e é salva da madrasta malvada. E eles vivem felizes para sempre.

Suspiro. Eu amo essa história.

— O que acontece com as meias-irmãs?

— Na versão clássica, que acho que foi escrita por um cara francês chamado Perrault, Poutine, ou algo assim, Cinderela as perdoa. Era dessa versão que a vovó mais gostava. Nas outras, acho que a coisa fica mais feia.

Os olhos dele começam a brilhar.

— Me conta!

Meu irmão ama as partes feias.

— Bem, na versão dos Grimm, as irmãs tentam cortar os próprios dedos e calcanhares para que o pé caiba no sapato. E então elas morrem.

— Mentira! Que incrível!

Reviro os olhos.

— Quer um aperitivo? — Um garçom nos interrompe, balançando uma bandeja na nossa frente.

— Folhados de cachorro-quente! — comemora Jonah.

Reviro os olhos de novo. Mas pego dois.

Jonah pega três e enfia todos na boca de uma vez só.

— Então, o que vamos fazer agora? Explorar?

— Pode, por favor, engolir antes de falar? Que modos são esses? Estamos em um baile.

— Por que eu deveria levar a sério o que você diz? Está usando um pijama cor-de-rosa de bolinhas roxas.

Humpf.

— Acho que deveríamos encontrar o espelho mágico que nos levará para casa primeiro, assim não teremos nenhuma correria mais tarde.

— E depois podemos explorar?

— Sim, mas vamos começar com o espelho. Deve estar em algum lugar do castelo. Procurar pelo espelho é explorar, não é? Temos mais chances agora, que a família real e os empregados estão distraídos com o baile. Mas precisamos tomar cuidado para não esbarrar em Cinderela. Não podemos correr o risco de atrapalhar a história dela!

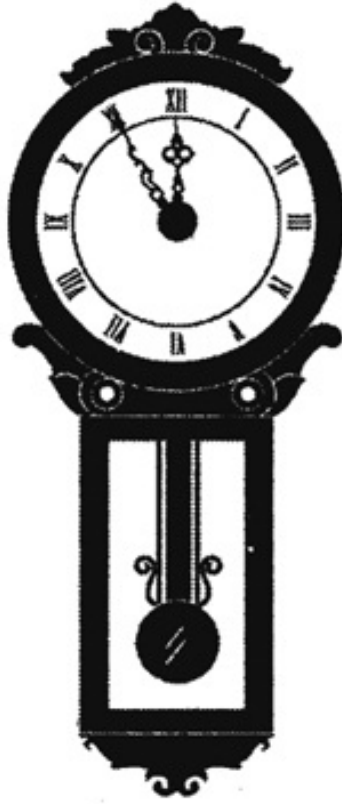
Ele ergue as sobrancelhas.

— Você não quer nem dizer oi? Nem se for rapidinho?

— É claro que eu quero, mas não podemos. Aprendemos a lição com Branca de Neve. NÃO VAMOS estragar a história desta vez!

Não mesmo. De jeito nenhum. Não, obrigada.

Capítulo seis



Espelho, espelho meu, me deixe entrar

Encontramos 12 espelhos no castelo:

Um espelho no quarto da rainha. Um no quarto do rei. Um no quarto do príncipe. Outro no quarto de hóspedes. Mais um no quarto dos empregados. Até no salão do baile há dois espelhos.

Mas nenhum deles funciona.

E bater neles nem sempre é tão fácil quanto parece.

Tinha uma empregada no quarto da rainha, e dissemos que Sua Majestade exigia a presença dela no andar inferior, então pudemos continuar “explorando”.

Se não pararmos de explorar logo, seremos pegos rapidinho.

— E agora? Já tentamos todos eles — resmunga Jonah, irritado, depois que entramos em todos os quartos três vezes.

— Talvez o espelho mágico não esteja no castelo — digo. — Talvez esteja na casa de Cinderela. Branca de Neve morava no palácio, antes de ter que fugir. Então talvez o portal esteja no lugar onde mora o personagem principal, e antes do final feliz.

— Mas nem sabemos onde Cinderela mora!

— Podemos segui-la até em casa — digo. — *Ela* sabe onde mora.

— Você acha que ela ainda está por aqui? — pergunta Jonah.

— Espera aí. Que horas são?

Dou uma olhada no relógio. Ah, não! Não estou de relógio! Tirei do pulso ontem à noite, antes de me deitar. Não que o relógio pudesse dizer que horas são aqui. Mas me mostraria a hora em casa e poderíamos voltar antes dos meus pais acordarem. Então também não tenho ideia de que horas são em Smithville!

ARGH.

Jonah se esgueira ao meu lado pelo corredor em direção ao salão de baile, e vejo um grande relógio redondo pendurado na parede à frente.

São 23h55.

Procuro por Cinderela pelo salão e a vejo dançando com o príncipe.

Agora o relógio marca 23h56. Hummm. Será que Cinderela não sabe que horas são?

— Está ficando tarde — diz Jonah. — Devíamos dizer a ela que precisa ir embora. Ela não vai virar abóbora quando der meia-noite?

— A carruagem vira abóbora, não ela. — Eu seguro ele pela manga da blusa. — Mas não, não faça nada! Não vamos estragar nada dessa vez.

Esperamos. E observamos o relógio. 23h58. 23h59.

Meu coração bate acelerado. E se só basta estarmos aqui para atrapalhar alguma coisa? E se não tivermos que fazer nada além de estar aqui para mudar a história? E se o vestido dela voltar a ser feito apenas de trapos bem aqui na nossa frente e todo mundo levar um susto, pirar e até o príncipe desistir de casar com ela?

Meia-noite!

Blém! Blém! Blém! Blém! Blém!...

Cinderela olha na direção do relógio. Seu rosto fica pálido quando ela percebe que horas são. Ela olha para o príncipe, se despede e então... sai correndo!

Tipo muito, muito rápido!

Ela sai correndo que nem uma louca.

Ela não olha para trás, só corre, corre, CORRE!

Zum! Quase rima com Flom!

— Temos que ir atrás dela — grito para Jonah, e saio correndo no encalço de Cinderela. — Se a perdermos nunca vamos saber onde ela mora!

— Pelo menos não vamos atrapalhar a história! — lembra Jonah.

Seguimos Cinderela até o lado de fora do castelo. Ela está descendo os degraus da entrada, e o príncipe vem logo atrás. Ela está bem na frente, eu e Jonah estamos à esquerda dela, o príncipe está atrás da gente. Somos um triângulo em movimento.

No último degrau, o sapatinho de cristal escapa do pé, exatamente como deveria acontecer. Isso! Não estragamos nada!

Ela olha para trás por um instante, mas vê que o príncipe está chegando e não para.

Ela só corre, corre, CORRE!

— Espere! Espere! ESPERE! — grita ele.

Viro o rosto e vejo que ele parou de correr. Então se inclina e pega o sapatinho.

Mas Jonah e eu continuamos correndo.

Cinderela sobe na carruagem e grita:

— Vá, vá, VÁ!

Os lacaios e os cavalos vão, vão, VÃO!

— Ah, não! — exclama Jonah. — Como vamos conseguir segui-la a pé?

— Corra! — ordeno. — Rápido! Rápido! RÁPIDO!

Seguimos a carruagem pelo quarteirão. Estou bufando, ofegante. Preciso mesmo praticar mais exercícios, porque estou muito fora de forma e...

Vejo um lampejo à frente. Como se alguém tivesse acendido um fósforo.

A carruagem começa a brilhar. Os cavalos tremem. Alguma coisa está acontecendo.

Cabum!

A carruagem começa a encolher! Os cavalos também! Os lacaios estão encolhendo!

Zap!

Cinderela está sentada no meio da rua, bem ao lado de uma abóbora esmagada.

Os cavalos viraram camundongos. Os lacaios, lagartos. O cocheiro virou um rato.

A transformação inteira levou menos de dois segundos. Gostaria de estar com a câmera do meu pai, para poder postar tudo no YouTube.

Jonah está do meu lado, e de boca aberta.

— Mais alguém viu isso? Alguém deve ter visto!

Olho para a rua deserta, iluminada pela lua. Somos as únicas testemunhas.

— Ora, veja — diz Cinderela, para si mesma.

Ela não se parece nem um pouco com a Cinderela de dois minutos atrás. Dá para entender por que nem a própria família a reconheceu. O cabelo está solto, pendendo sobre os ombros, a sombra platinada e o batom vermelho sumiram — ela está sem maquiagem alguma. O vestido dela é marrom e simples. As joias também sumiram. Ela se levanta e limpa a saia do vestido com as mãos. Tira do pé direito o sapatinho de cristal e começa a andar descalça.

— O que vamos fazer agora? — pergunta Jonah.

Não é óbvio!?

— Vamos segui-la até em casa.

Capítulo sete



Só finja que não viu a gente

Seguimos Cinderela por trinta minutos, o que nos leva até a casa onde ela mora. É bom a lua estar cheia, porque nesta cidade não existe poste de luz.

Mantemos uma distância segura. Conversamos apenas por sussurros. E nos abaixamos nas sombras sempre que Cinderela se vira. Somos realmente muito bons nessa coisa de ser furtivo. Aposto que podemos ser espiões quando crescermos. Seríamos a dupla de irmãos irados que vai a lugares exóticos, como Nova York e Japão, para roubar segredos sobre energia nuclear. Farão um filme sobre nós! Vai se chamar...

— POR QUE VOCÊS ESTÃO ME SEGUINDO?

Ops.

Cinderela nos observa da varanda da casa, as mãos nos quadris.

— Não estamos seguindo você — respondo num tom estridente.

— Hum, estão sim. Vocês me seguiram do palácio até aqui.

— Não, nós... — Paro de falar no meio da frase. Estamos *mesmo* seguindo ela. Então não sei bem o que dizer.

— Precisamos usar a sua casa — diz Jonah.

— Tem um banheiro público a três quadras daqui — responde Cinderela.

— Não, é para voltar para casa — explico.

— Como assim? Quem são vocês?

— Sou Abby. Esse é o meu irmão, Jonah.

— Vocês não têm casa? — pergunta ela.

— Temos. Mas precisamos da sua para voltar para a nossa.

— Não estou entendendo — responde ela. — De todo modo, não posso deixar vocês entrarem. A minha madrasta é muito brava, e, se não fizer o que ela manda, vou me meter em problemas.

— Sua madrasta ainda está no baile — digo. — A gente entra e sai antes de ela chegar.

— Isso — responde Jonah, num tom de voz mais elevado. — E, mesmo que você se meta em problemas, eles não vão durar muito tempo, porque você vai se casar com o príncipe.

Os olhos dela ficam arregalados.

— Como é que é?

Ah, não.

— Jonah, não!

Ele se vira para mim, as bochechas vermelhas.

— O quê? Não era pra contar?

Cinderela desce da varanda.

— Por que você disse que eu vou me casar com o príncipe?

— Não entendo qual é o problema — responde ele, olhando para mim. — Por que ela não pode saber sobre o próprio futuro? — Ele sorri e olha para Cinderela. — Você estava no baile, certo? Dançou com o príncipe, e ele acha que você era a mais bonita entre todas as garotas que estavam lá. Vocês vão se casar.

— Mas eu não entendo — diz ela, mais do que depressa. — Como ele vai me encontrar? Ele nunca vai me reconhecer! Nem mesmo a minha madrasta ou minhas meias-irmãs me reconheceram!

Dou um suspiro. Já que começamos, não vejo por que manter tudo em segredo.

— Você deixou um sapatinho cair, não foi? Ele o pegou. E amanhã fará um pronunciamento, dizendo que se casará com a pessoa em cujo pé o sapatinho servir. Ele vai mandar o assessor para garantir que todas as meninas do reino experimentarão o sapato. Mas ele só serve em você.

Bem devagar, um sorriso surge no rosto de Cinderela.

— É sério?

— É — respondo. — Você vai ser uma princesa, depois se casará e se tornará rainha. Bem, no começo vai ser só princesa, mesmo. Mas vai virar rainha quando o pai dele... você sabe. — Não tinha necessidade de ser mórbida. — Enfim, o que quero dizer é que, mesmo que a sua madrasta te incomode por alguns dias, isso não terá importância no futuro.

— Êêêêêêê — comemora Cinderela, com um gritinho. — Essa é a melhor notícia de todos os tempos. Não acredito que o príncipe pegou o meu sapatinho!

— Você deu sorte — concordo.

Provavelmente teria sido ainda mais sortuda se ele a tivesse alcançado. Mas quem sou eu para julgar?

Um dia farei isso, porque serei juíza. Mas não ainda.

— E também tem sorte de o sapatinho só caber em você — comenta Jonah.

— Eles foram perfeitamente moldados aos meus pés. — Ela levanta o par que ainda tem até a altura dos nossos olhos. — Estão vendo?

E ali está. Bem na minha frente. O infame sapatinho de cristal.

— Posso pegar? — pergunto, sem fôlego.

— Claro — responde ela, entregando-o para mim.

Uau. É mais pesado do que parece. E é mesmo feito de cristal. Dá para ver através dele. É como se eu estivesse segurando uma das taças de vinho só-para-convidados dos meus pais. Mas é um sapato. De salto bem alto. Não sei nem explicar como ela anda com aquilo. E são bem pequenos também. Para um adulto. Ou para um quase-adulto, digo. Acho que ela tem uns 16 anos. O que é mais esquisito naquele sapato? Tem marcas para os dedos, indicando bem onde ficam. Esse sapato foi mesmo moldado para o pé de Cinderela. Acho que isso faz sentido, para a história: se fosse um sapato 36 comum, outras meninas que calçassem esse número também conseguiriam usá-lo.

Devolvo o sapato a ela. Não quero deixá-lo cair sem querer.

— Por que os sapatinhos de cristal não desapareceram como as outras coisas? — pergunta Jonah.

— A minha fada-madrinha transformou o vestido, a carruagem e os cavalos de algo que já existia. Mas me deu os sapatos de presente. Eles foram feitos especialmente para mim, sabe.

— E têm salto alto — digo.

— O quê?

Balanço a mão. Deixa para lá.

— Bom, mas como vocês sabem o que vai acontecer comigo? — pergunta Cinderela. — Vocês são algum tipo de fada?

— Não — responde Jonah. — Mas estamos em um conto de fadas.

Ela franze o nariz.

— Isso quer dizer que foi uma fada quem te contou o que acontece comigo?

— Bem, tipo isso... — digo. Um *conto* de fadas nos contou o que acontece. Quase isso. — Podemos entrar? Não temos muito tempo. Temos que ir embora antes que a sua família chegue.

— Tudo bem — diz Cinderela, destrancando a porta.

Entramos em um hall elegante. Não tão elegante quanto o do palácio, mas ainda assim bem chique. Os azulejos no chão imitam um tabuleiro de xadrez preto e branco. Tem um grande sofá, uma namoradeira, cadeiras, uma lareira e um enorme relógio de madeira encostado na parede.

Um lustre está aceso acima de nós, e há um grande espelho retangular logo na entrada.

— Vamos tentar — digo. — Cinderela, para trás. Definitivamente não podemos te levar para casa. Isso sim complicaria a sua vida!

Jonah bate. Uma vez. Duas. Três! Nada.

Buá.

— Quantos outros espelhos tem nessa casa?

— Minha madrastra tem um no quarto, e minhas irmãs têm dois. É só. Por que vocês precisam de um espelho para ir para casa? Onde vocês moram? Não estou entendendo.

— Nós também não entendemos — explico. — Mas é assim que a magia funciona. Por que precisamos de um espelho para voltar para casa? Por que você tinha que sair do baile antes da meia-

noite?

— Magia é um troço esquisito — comenta ela. — Vamos lá.

No segundo andar há outros dois quartos e mais uma escadaria.

— Onde fica o seu quarto? — pergunto a Cinderela.

Ela aponta para cima.

— No sótão. Vamos começar pelo quarto da minha madrasta.

Ela escancara a porta e gesticula na direção do imenso espelho ao lado da cama.

Eu bato. Uma vez. Duas. Três!

Nada.

— Argh! — reclamo.

Ouço um barulho lá fora. É uma carruagem.

— Adivinhem quem chegou — diz Cinderela com um sorriso afetado. — Minha madrasta e minhas irmãs voltaram do baile. Esperem só para ver quando eu contar a elas o que vocês me disseram!

Minha boca fica seca.

— Não, não, não. Você não pode contar a elas!

— Por que não? Vocês disseram que vai acontecer. Não disseram a verdade?

— Dissemos a verdade, mas vai saber o que pode acontecer se você contar? E se elas tentarem impedir as coisas de acontecerem? E se atrapalharem? Você precisa guardar segredo! Prometa que vai guardar segredo!

— Tudo bem, tudo bem — resmunga ela. — Se vocês acham que tem que ser assim.

— *Precisamos* correr — diz Jonah. — Não queremos que elas nos vejam, certo?

— Vamos! Para o quarto das meias-irmãs. Um daqueles espelhos deve funcionar!

— Abby, e se não funcionarem? Como vamos voltar para casa?

— Eu não sei!

Última chance. Lá vamos nós.

Capítulo oito



Problemas em dobro

À luz do luar, dá pra ver que o quarto é todo rosa. Duas camas cor-de-rosa, dois tapetes cor-de-rosa, duas mesas cor-de-rosa, dois guarda-roupas cor-de-rosa e dois travesseiros cor-de-rosa — um estampado com o nome *Kayla*, o outro, com *Beatrice*.

E o melhor de tudo: dois espelhos cor-de-rosa de corpo inteiro.

Tenho um bom pressentimento em relação a estes espelhos, tenho mesmo.

Jonah corre direto para o espelho de Kayla.

— Talvez os dois funcionem, e cada um tenha o próprio portal. Não seria legal?

— Você acha mesmo que eu deixaria você entrar sozinho num espelho? — pergunto. — E se você for parar em Marte, ou algo do tipo? Vamos escolher um só e ponto final.

Cinderela está olhando pela janela.

— Vão logo! Elas já estão saindo da carruagem! E não vão gostar nem um pouquinho disso! No mês passado, as duas me pegaram aqui tirando um cochilo e me trancaram no armário por duas horas.

Estremeço. Elas parecem terríveis. Pego Jonah pela mão e bato no espelho.

— Um... dois...

E agora a última batida...

— Três!

Nada.

— Cinderela, está acordada? — grita uma voz lá de baixo. — Onde está você? Vá fazer um chá para nós!

— Ah, não! Elas estão em casa!

E nós ainda estamos aqui.

Posso ouvir o *tump tump tump* dos passos nos degraus da escada.

— Preciso ir — sussurra Cinderela, apressada, já se virando para sair do quarto. — Vocês precisam sair daqui!

— E vamos mesmo... — digo, num tom que tem mais otimismo do que eu sinto. — Ainda tem mais um espelho.

— Tchau, Cinderela — começa Jonah.

— Foi legal conhecer você — completo.

Dou a mão para Jonah.

— Esse espelho vai funcionar. Tem que funcionar. Pronto? Um... dois...

E a última batida mais uma vez:

— Três!

Nada ainda.

Isso não é NADA bom. Não é mesmo.

Ouçó mais passos. *Tump tump tump* escada acima.

As irmãs vão entrar no quarto a qualquer momento. Precisamos fazer *alguma* coisa.

Temos que nos esconder.

Faço um gesto para Jonah, tentando indicar que ele precisa se esconder embaixo da cama. Mas parece que estou só acenando para ele.

— Ahn? — pergunta ele.

— Shh! E não diga ahn, diga “desculpe, não entendi”.

— Está bem: desculpe, não entendi o que você está fazendo com a mão.

Tump tump tump.

— Estou tentando sinalizar que você deve... Ah, esquece! Vá logo se esconder embaixo da cama!

Ele concorda com a cabeça e obedece. Finalmente. Eu me enfio embaixo da cama de Kayla. A roupa de cama vai até o chão, então, a não ser que procurem, não vão nos encontrar aqui. Ai! Arranhei o braço!

E se elas nos virem? O que vamos dizer? E o que vai acontecer com a gente? Será que vão chamar a polícia dos contos de fadas? Será que vamos para a cadeia dos contos de fadas?

De repente, a luz do quarto se acende.

— Cinderela, você entrou no nosso quarto? — pergunta alguém num tom anasalado. — Nossa porta estava aberta.

— Sim — responde Cinderela. — Eu estava arrumando. — Ouço passos se aproximando. Não fazem *tump, tump, tump*, são mais delicados. É Cinderela.

— Foi isso que ficou fazendo a noite toda? — pergunta a mesma voz.

— Não, fiquei bastante ocupada — responde Cinderela.

Pelo tom de voz, consigo perceber que ela está sorrindo.

Pelo menos não está contando a verdade.

Ouçõ a janela se abrir, e sinto uma brisa.

— Então, conte como foi o baile — pede Cinderela, e agora noto um tom um pouquinho cortante.

— Conseguiram conversar com o príncipe Jordan, dessa vez?

Humm. Aquilo não foi muito legal. Ela sabe que nenhuma das duas conseguiu conversar com o príncipe. Dançou com ele o tempo todo! E está fazendo questão de esfregar isso na cara delas?

— Kayla conversou com ele — responde a mesma pessoa, que deve ser Beatrice.

— É mesmo? — pergunta Cinderela. — Eu não... Quero dizer, que bom. E o que aconteceu?

— A bela desconhecida apareceu outra vez e os interrompeu — explicou Beatrice.

— É mesmo? — pergunta Cinderela, mais uma vez.

— Ouvi dizer que ela é uma princesa — diz Kayla.

— Ela não é uma princesa — replica Beatrice. — Já teríamos ouvido falar nela se fosse uma princesa. Mas aposto que é herdeira. Aquelas roupas pareciam caras.

— O príncipe dançou com ela pelo restante da noite — continua Kayla. — De novo. Eu estava torcendo para que ela não aparecesse hoje.

— Juuuuuuraaaa? O príncipe dançou com a bela desconhecida? E foi por isso que ele parou de conversar com você? Que pena, Kayla!

Juntei dois mais dois e concluí que a menina comum que vimos conversando com o príncipe era Kayla. E por acaso sou só eu quem acha que a Cinderela está sendo meio cruel?

— Sim — responde Kayla. — Foi uma pena.

Ela se senta na cama, e o colchão cede, ficando a 1 centímetro do meu rosto.

Ops.

Se ela se mexer muito ou pular, vai quebrar o meu nariz. NÃO SE MEXA, KAYLA. NÃO SE MEXA.

Espero que ela não decida pular na cama. Pensei em todas as vezes que eu e Jonah fizemos isso. E se tivesse alguma criança de outra dimensão escondida debaixo da cama e a gente não soubesse?

Meu nariz coça.

Não espirre. Abby, independentemente do que acontecer, NÃO ESPIRRE.

— O príncipe Jordan ficou *obcecado* pela bela desconhecida — comenta Beatrice. — Com certeza está apaixonado por ela. Como não estaria? Ela é maravilhosa.

Ah, ah, ah, ah...

Não, não, não... Solto o espirro meio apertado.

— Você ouviu alguma coisa? — pergunta Beatrice. — Espero que a gente não tenha mais problemas com camundongos. De qualquer forma, adivinha só o que aconteceu no fim da noite?

— Não tenho ideia — responde Cinderela. — O príncipe Jordan tirou Kayla para dançar?

Quase dá pra ver Cinderela piscando os olhos de um jeito inocente.

— Não — reclama Kayla.

— Ele convidou você para dançar, Beatrice?

— Não — bufa Beatrice.

— Eu desisto — diz Cinderela.

— Quando o relógio marcou meia-noite, a bela desconhecida saiu correndo. E ninguém conseguiu encontrá-la depois.

— Não acredito! — exclama Cinderela.

Pode acreditar.

— O príncipe foi atrás dela e encontrou um sapatinho de cristal! Com certeza caiu enquanto ela estava correndo.

— É, foi — concorda Cinderela. Mas logo em seguida dá um pigarro e pergunta: — Foi?

— Sim — confirma Beatrice. — E o príncipe está determinado a encontrá-la. E com certeza vai conseguir.

Com certeza. Com certeza. Com certeza. Ela é uma sabe-tudo, não é mesmo?

— Acho que vou deixar vocês dormirem — diz Cinderela. — Ou não estão tão cansadas assim? Afinal, não parecem ter dançado muito.

É, aquilo foi bem cruel.

Cinderela fecha a porta do quarto. Ops. Ela acha que passamos pelo espelho. Acha que fomos embora. E agora estamos presos no quarto das meias-irmãs dela! Argh!

Ouçõ um farfalhar de lençóis na cama acima. E depois ouçõ alguém... chorando?

Por que uma das irmãs malvadas está chorando? Elas deviam ser malvadas, não tristes.

O choro está vindo bem de cima de onde estou. Deve se Kayla. A que tinha conversado com o príncipe.

— Qual é o seu problema? — pergunta Beatrice.

— É que eu pensei... pensei que o príncipe tivesse gostado de mim. Achei que havia algo entre nós.

— Ah, por favor. O que você esperava? Não dá para competir com uma garota daquelas. Acorda. Você não é assim tão bonita.

Sinto um desconforto na barriga e não é por causa dos croissants de salsicha/folhados de cachorro-quente. Não consigo evitar sentir pena de Kayla. Sei que ela deveria ser malvada e tal, mas parece gostar mesmo do príncipe Jordan. E ninguém quer gostar de alguém se isso não é recíproco.

— Só durma um pouco — aconselha Beatrice, e as luzes se apagam.

Certo, pelo menos elas vão dormir agora. Quando tiverem apagadas, Jonah e eu podemos sair de fininho. Elas devem estar exaustas. Já é bem depois da meia-noite, pelo menos no tempo delas. Eu não tenho ideia de que horas são lá em casa, o que é um pouco assustador. Espero que o tempo aqui corra mais ou menos como na história de Branca de Neve: cada hora em casa equivale a um dia no mundo dos contos de fadas. O que significaria que em casa é meia-noite e meia.

Só precisamos chegar em casa antes que mamãe e papai acordem, lá pelas sete da manhã.

Não há nada que eu possa fazer agora. Só esperar.

E esperar mais um pouco. Quando finalmente ouçõ não apenas um, mas uma sequência de dois ou três roncões, decido que já é seguro me mexer.

Saio de debaixo da cama rastejando com a ajuda dos cotovelos e sigo na direção de Jonah.

— Vamos — sussurro.

Quando ele não responde, dou uma cutucada.

— O que foi? — Ele dá um pulo e bate com a cabeça no colchão. — Ai!

Faço “shh”. Como as irmãs não reagem, gesticulo para que ele me siga até a porta.

Tento fazer o gesto bastante claro.

Ele levanta as sobrancelhas, sem entender.

— Só me siga — sussurro, então reviro os olhos.

Abro a porta com cuidado. *Creeeeeec.*

Chegamos no corredor. Ufa!

A porta do quarto da madrasta está fechada. Acho que ela está dormindo. Que maldade, ela nem deu boa-noite para as filhas. Eu posso estar quase sem calcinhas limpas para usar, mas, não importa quão ocupados meus pais estejam, eles sempre vêm dar boa-noite para a gente.

— O que a gente faz agora? — sussurra Jonah.

— Acho que vamos dormir — respondo. — Talvez Cinderela possa nos ajudar a encontrar o espelho certo amanhã.

— Mas onde vamos dormir?

Aponto para as escadas do sótão.

— Lá em cima. No quarto da Cinderela.

Quando chegamos à porta, Jonah pergunta:

— Será que a gente devia bater?

— Ah, sim. — Quem dera ele se importasse em bater na porta do *meu* quarto, lá em casa.

— Mas e se ela se assustar?

— Ela já deve estar dormindo — digo. — Se tivermos sorte, pode ser que tenha um sofá lá em cima, e poderemos nos acomodar nele. Então eu não vou bater.

Giro a maçaneta e abro a porta devagar. Cinderela está parada no meio do quarto, admirando o sapatinho de cristal.

— Oi — digo. — Que bom que ainda está acordada.

Ela se assusta e dá um pulo. Quando pula, o sapatinho escorrega da mão dela e cai em cima do pé esquerdo.

— Ai! — grita. — Ai, ai, ai!

— Tá tudo bem? — pergunto, correndo na direção dela.

— Eu pareço bem? — rosna ela, segurando o próprio pé e mancando até a cadeira mais próxima.

— Isso foi demais. Vocês me assustaram. Achei que tivessem ido embora!

— O espelho não funcionou — expliquei.

— Ai, ai, ai. Ele caiu bem no meu pé.

— Sinto muito — digo. — Quer um pouco de gelo?

— Vai ficar tudo bem. Só preciso de um segundinho. Ai. — Ela fecha os olhos. — Só mais um ou dois dias e estou livre desse lugar, né?

— É — respondo. — Desculpe de novo.

— Pode trazer o sapatinho? Ele quebrou?

Procuro pelo chão e me assusto quando o vejo. O salto quebrou. Em uma das mãos, seguro um salto de 10 centímetros. Na outra, um sapato quebrado.

— Não parece inteiro — admito.

Os olhos dela se arregalam.

— Ah, puxa — diz Cinderela. — Isso não vai estragar tudo, vai? O sapato ter quebrado?

— Não deveria — digo, mas na verdade não tenho certeza. — Não. Você precisa experimentar o sapato que o sujeito vai trazer. Pelo menos, é como me lembro.

— É como se lembra da fada ter contado?

— Hum, sim. Isso.

Dou uma olhada no quarto à procura de um lugar seguro para colocar o sapatinho quebrado. Decido deixá-lo em cima da única prateleira, ao lado de um balde de lata.

— Bom... — Ela fecha os olhos de novo. — Estou muito cansada. E meu pé está doendo. Doendo muito mesmo.

— Você vai se sentir melhor de manhã — responde Jonah, dando um bocejo. — É o que a minha mãe sempre diz.

— Então vamos dormir — sugere Cinderela. — Preciso estar de pé daqui a algumas horas para preparar o café da manhã.

— Onde fica a sua cama?

— Eu não tenho uma cama. Durmo em um montinho de palha no chão.

— Que droga — comenta Jonah. — Você precisa de um colchão.

— Terei um quando for princesa — responde ela, com um suspiro.

— Terá quantos colchões quiser quando for princesa — digo a ela. — Pode ter uma pilha de colchões! Como em *A princesa e a ervilha*.

— Quem e o quê? — pergunta ela.

Balanço a cabeça.

— Deixa pra lá.

— Eu odeio ervilha — acrescenta ela.

— Esqueça o que eu disse.

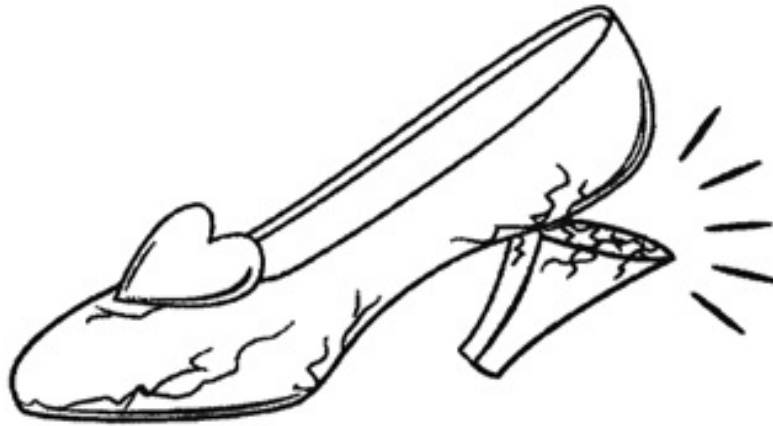
— Amanhã — começa Cinderela, melancólica — serei uma princesa.

— E encontraremos o caminho de casa — acrescenta Jonah.

Cada um de nós amontoa um pouco de palha para servir de colchão. Coça um pouco. Na verdade, coça muito.

Bom, pelo menos já estou de pijama.

Capítulo nove



Isso não parece nada bom

Acordo ao ouvir gritos.

— Meu pé! Ai, meu pé! O que aconteceu com ele?

Eu me sento de supetão e vejo Cinderela agarrada ao pé esquerdo, uivando de dor.

— Qual o problema? — pergunto.

— Meu pé é o problema! Olha só! — Ela enfia o pé na minha cara.

Nunca vi nada parecido com aquilo.

Está preto.

Está azul.

Os dedos estão do tamanho de marshmallows, e está tudo muito inchado.

É um pé ou um balão?

— Isso foi só porque o sapatinho caiu em cima dele? — pergunta Jonah.

— Não, é porque toquei piano com os dedos dos pés — responde Cinderela, sarcástica. — Claro que foi porque o sapatinho bateu nele! Está muito inchado. E dói!

Sacudo a cabeça.

— Eu sabia que deveríamos ter colocado um pouco de gelo.

Ela tenta se levantar, mas faz uma careta e acaba caindo de volta na palha.

— Como eu vou trabalhar? Mal consigo ficar de pé!

— Cinderela!? Cinderela!? Onde está você? Ainda está dormindo? — grita uma voz do andar inferior.

— Ah, não — lamenta Cinderela. — É Betty! Minha madrasta! Eu devo ter dormido demais. Preciso preparar o café da manhã!

Peraí. Betty? O nome da madrasta dela é Betty? Não parece certo. Betty é nome de babá. Ou, pelo menos, o nome de alguém que faz bolos. Não parece o nome de uma madrasta malvada.

Cinderela tenta se levantar de novo, mas estremece quando apoia o próprio peso no pé.

— Preciso me vestir. E vocês dois precisam dar o fora. Não tenho permissão para receber visitas.

— Mas para onde vamos? — pergunto. — Temos que encontrar o espelho que nos levará para casa.

— Vocês tentaram todos os espelhos daqui — responde Cinderela. — Vão tentar outros.

— Mas não sabemos para onde ir! — retruco. — Se nem os espelhos daqui e nem os do palácio funcionam, onde mais podemos procurar?

Cinderela sacode a cabeça.

— Eu não sou especialista em espelhos. — Ela manca até o armário, abre a porta e se esconde atrás dela, buscando um pouco de privacidade. Quando fecha a porta outra vez, está usando um vestido cinza de mangas compridas. — E onde coloquei meus sapatos?

— O sapatinho de cristal? — pergunta Jonah.

— Não. Meus sapatos de trabalho. Lá estão eles. — Ela vê um par de mocassinos velhos na porta e vai mancando até lá. Calça o pé direito sem problemas. Depois tenta calçar o esquerdo. — Ah, minha nossa. Meu pé está inchado demais. Não consigo calçar o sapato. Vou ter que ficar descalça.

Ops.

Dou uma olhada no sapatinho de cristal quebrado, encostado na parede. É o do pé direito.

O que quer dizer que o príncipe está com o pé esquerdo.

E, se o pé dela não coube no mocassin velho, também não vai caber no sapatinho de cristal.

Droga.

Se o sapatinho de cristal não couber no pé da Cinderela, ela não vai conseguir provar que é a menina que dançou com o príncipe no baile. Eles não vão se casar. E ela vai ficar presa aqui para sempre.

Olho para Jonah. Ele olha para mim. Ele sabe. Ele sabe que eu sei.

Fizemos de novo. Fomos parar no mundo dos contos de fadas e estragamos tudo.

E agora?

— Ops — comenta Jonah. — O pé dela parece uma bola de basquete.

— Shhh. Todo mundo quieto — digo. — Preciso pensar. Preciso consertar isso.

Cinderela sacode as mãos.

— Consertar o que? Acho que você não está me contando alguma coisa. Dá pra compartilhar?

Eu realmente não quero.

— Seu pé não vai caber no sapatinho de cristal — solta Jonah.

— Não vai caber *hoje* — digo. — Vamos levá-la ao médico. Ou talvez ele melhore antes disso. Não sabemos quando o príncipe vai aparecer. Talvez ele não venha por mais uma semana. O pé dela não vai ficar assim para sempre. Vai melhorar. E não deve estar quebrado. Deve estar só machucado.

— Abby! — chama Jonah, apontando para a parede. — Está tudo bem! Veja! — Ele aponta para o sapatinho quebrado na prateleira. — Vamos mostrar o par para o assessor do príncipe. Cinderela pode

colocá-lo no pé bom e vai servir. Nosso problema está resolvido.

Oh! Viva!

— Jonah, você tem razão! Resolvemos o problema do sapato!

— Cinderela! — grita a voz do andar inferior. E agora parece mais próxima. — Você perdeu o café da manhã. Tivemos que passar manteiga no pão e fizemos nosso próprio chá. Onde está você?

— Estou indo — grita Cinderela. — É a minha madrasta! — sibila, explicando. — Ela não pode entrar aqui! Vai ver vocês!

— Cinderela! Estou subindo — diz a voz.

— Se escondam! — sussurra Cinderela, os olhos arregalados de medo.

Olho para o quarto. Esconder onde? Não tem lugar pra gente se esconder! Aqui só tem palha! Não tem cama! Não tem cortina! Não tem nada!

Ah, peraí. Tem o armário. Podemos nos esconder lá. Ficaremos bem quietinhos. Ela nem vai perceber. Ficaremos invisíveis! Como camundongos! Em vez de me dar o trabalho de gesticular para Jonah, dou um pulo, seguro ele pelo braço e avanço em direção ao armário.

Vamos conseguir! Vamos conseguir!

A porta do quarto de Cinderela abre no instante em que eu e Jonah nos arrastamos para dentro do armário. Estou prestes a fechar a porta quando... *bum!* Jonah bate a cabeça nas minhas costas e perco o equilíbrio. Vou em direção à parede, estico os braços para evitar cair no chão, mas bato no balde de lata na prateleira. *Clang! Smash!*

O balde de lata bate no sapatinho de cristal meio quebrado. O sapatinho de cristal meio quebrado cai no chão e se quebra em milhões de pedacinhos. Agora é um sapatinho de cristal BEM quebrado.

Droga.

Nada de problema de sapato resolvido agora.

Capítulo dez



Não é um prazer te conhecer

— Cinderela, o que você está fazendo...? — Betty para no meio da frase. — Com licença! Rapazinho! Mocinha vestida com a bandeira de Flom! Quem são vocês?

Ela é mais alta do que eu tinha imaginado. Mais alta do que Kayla. E mais assustadora. Usa uma saia marrom longa e uma blusa verde enfiada dentro da saia. Tem cabelo grosso e grisalho, caído sobre os ombros, e uma franja reta, além de nariz estreito, lábios finos e sobrancelhas castanhas e lustrosas.

Betty definitivamente não se parece com nenhuma outra Betty. Uma Betty abriria um sorriso e me ofereceria leite com biscoitos. Ou talvez alguns brownies. Uma Betty nunca olharia para mim como se eu fosse uma barata rastejando pelo chão.

Pense rápido, Abby, pense rápido. Por que estamos aqui? Já sei! Na dúvida, seja educada!

— Oi — digo. — É um prazer finalmente conhecê-la.

— É mesmo? — perguntam Jonah e Cinderela ao mesmo tempo.

— Que azar — solta Jonah.

Betty dá um passo para mais perto de mim.

— Quem é você?

— Sou Abby — respondo. — E esse é meu irmão, Jonah.

— Somos de Smithville — completa ele.

Betty franze a testa.

— E por que vocês estão aqui?

— Po-porque... — Humm. Primos distantes? Olho de novo para o balde que des-resolveu o problema do sapatinho e tenho uma ideia. — Somos os substitutos de Cinderela!

Betty estala a língua.

— Não me diga. Por que vão substituir a Cinderela? Ela vai a algum lugar?

— Na verdade, vou sim — intromete-se Cinderela, num tom arrogante. — Eu vou...

Ah, não! Ela não pode falar nada sobre o príncipe!

— Ela vai precisar de ajuda — interrompo, dando um beliscão em Cinderela.

— Ai!

— Já que machucou o pé. Não somos bem substitutos — acrescento —, somos ajudantes.

As sobranceiras castanhas e lustrosas de Betty quase pulam da testa quando ela vê o dedo inchado de Cinderela.

— Como foi que isso aconteceu?

— Bem... — começa Cinderela. — Ontem à noite deixei cair um sap...

Nããããããããããõooooooooo!

— Um sapinho. — interrompo, dando outro beliscão nela. — Ela deixou um trenó de sapinhos cair em cima do pé.

Ops. Acabei de inventar essa.

— O que é um trenó de sapinhos? — pergunta Betty.

— Ah, você sabe. — Começo a enrolar. — Um trenó feito de sapinhos escorregadios. Para andar de trenó.

— Descer as colinas — completa Jonah. — Adoro trenós! Temos um lá em casa. Só que o nosso é de madeira. Mas tenho certeza que um trenó de sapinhos escorrega muito mais.

— É — concordo. — Isso mesmo. Escorrega muito mais. — Realmente não consigo acreditar nas palavras que saem da minha boca.

— Mas não tem neve lá fora. Onde ela estava usando um trenó? — pergunta Betty. — E onde foi que ela conseguiu um trenó, afinal de contas?

Certo. Bem observado.

— Encontrou no lixo do vizinho — explico. — E agora sabemos por que o vizinho o jogou fora. São muito perigosos, esses trenós de sapinhos. Ainda mais se forem usados em escadas.

Betty fica me encarando.

— É claro que ela teria usado o trenó lá fora se estivesse nevando — continuo. — Mas não está. — Isso até faz sentido, não faz?

Será que estou soando tão ridícula quanto penso? Cinderela está vermelha. Jonah morde o lábio inferior. Então, sim, devo estar parecendo bem ridícula.

Betty dá uma olhada ao redor do sótão.

— E onde está o trenó?

Agora ela me pegou. Não. Não, não, não. Não vou deixar que ela ganhe essa! Onde está o trenó? Eu já sei.

— Depois que ele machucou o pé de Cinderela, tive que destruí-lo. Joguei fora. Assim como os vizinhos fizeram. Muito espertos, esses vizinhos.

Jonah sacode o dedo, como se estivesse falando com um cachorro.

— Trenó mau! Muito, muito mau!

— Mas como vocês dois vieram parar aqui? — pergunta Betty.

Como viemos parar aqui? Boa pergunta. Acho que não devo compartilhar a parte da explicação que tem o espelho mágico.

— Ela trouxe o jornal — responde Cinderela.

Muito bem, Cindy!

— Isso! — comemoro. — Eu estava entregando o jornal. Exato. E ouvi Cinderela gritando quando desabou escada abaixo.

— Isso não faz sentido. Por que o pé dela está inchado? Ninguém fica com o pé desse jeito só porque caiu da escada. Podia ter quebrado uma vértebra, tido uma concussão ou...

— Hum. É que, quando ela foi pegar o trenó para jogar fora, acabou deixando-o cair bem em cima do pé. — Pronto. Ufa. — Então ela gritou pela segunda vez, e eu vim correndo. A porta estava destrancada, aliás. O que não é muito seguro. — Ah, como eu sou boa! — Ela me disse que tem algumas obrigações, então me ofereci para ajudar até que ela melhorasse.

Betty me olha com suspeita.

— Onde estão os outros jornais?

— Entregamos tudo — respondi, mais do que depressa. — Depois voltamos.

Betty joga as mãos para o alto.

— Mas por que vocês a estão ajudando? O que ela vai lhes dar em troca?

— Vamos ajudá-la porque somos legais — explica Jonah. — Não nos custa nada. É isso que pessoas legais fazem. Elas se ajudam.

As sobrancelhas castanhas lustrosas de Betty se estreitam. Ela não está acreditando. Não sabe o que é ser legal! Preciso falar a língua dela.

— Além disso — completo —, ela está ensinando a gente a falar.

Betty ergue uma sobrancelha que foi modelada demais e é meio irregular.

— Mas parece que vocês já sabem falar muito bem.

— Ela está ensinando palavras novas. — O tom de voz de Jonah se eleva.

— Cinderela é uma... uma... *dortun jombi* — digo. — Quer dizer “boa professora” em Smithvilliano. É a língua que falamos em Smithville. E também...

— Ok, eu não me importo — diz Betty, parecendo entediada. — Se querem ajudar Cinderela enquanto o pé dela está assim, fiquem à vontade. Estaremos bastante ocupadas mesmo. Já que vocês entregam os jornais, imagino que já tenham lido as notícias, certo?

— Com certeza — digo, concordando com a cabeça. — Pode só explicar de que notícia está falando?

— O príncipe anunciou que vai se casar com quem conseguir calçar o sapatinho de cristal que ele encontrou no baile. O assessor dele vai começar a visitar as casas do reino hoje mesmo, mais tarde. Então é melhor vocês três começarem a limpar a casa. E comecem por aqui. Tem vidro quebrado no chão inteiro.

Ah, não! Já vai ser hoje?!

Olho para o pé de Cinderela.

Uh-oh.

— Temos um *relamo* — diz Jonah, assim que Betty sai do sótão.

— Um o quê? — pergunto.

— *Relamo*. Problema em smithvilliano — explica ele.

Rá Rá Rá. Podem rir.

Capítulo onze



Precisamos de magia agora mesmo!

- O que vamos fazer? — pergunto.
- Esse é mesmo um senhor *relamo* — diz Cinderela, com a testa enrugada. — Se o assessor do príncipe vier hoje, não tem como o meu pé caber naquele sapatinho de cristal.
- É — concordo.
- Qual deve ser a palavra smithvilliana para encrenca? — pergunta Jonah. — *Dessinsty*?
- Jonah — peço. — Tente se concentrar.
- Talvez ele não venha hoje — sugere Cinderela, desejosa. — Talvez ele só apareça amanhã. Dou uma olhada no pé de Cinderela mais uma vez.
- Acho que nem amanhã o seu pé vai caber no sapatinho.
- Então o que eu faço? — pergunta ela. — Preciso que ele caiba!
- Bem, dá pra cortar os dedos do pé — sugere Jonah. — Como na história dos irmãos Grimm. Cinderela engasga.
- Que história horrível.
- Jonah, que coisa nojenta! — digo.
- Eu tava brincando — explica ele. — Ia doer. Ainda que fosse bem legal.

Tinha que haver um jeito.

— Ah! Já sei! — digo. É tão fácil! — Você tem uma fada madrinha, não tem?

Cinderela concorda com a cabeça.

— Então peça a ela para consertar tudo. É para isso que ela serve. Para consertar as coisas.

— Acho que posso fazer isso — diz Cinderela.

— Como você faz para ela aparecer? — pergunta Jonah. — É só chamar pelo telefone?

— Chamar? Telefone? Sim, eu a chamo pelo nome. E ela vem. — Cinderela inclina a cabeça na direção da chaminé. — Farrah! Farrah! E-ei, você está aí?

— A fada é que nem o Papai Noel! — exclama Jonah.

Um segundo depois, surge uma nuvem brilhante e amarelada no meio do quarto. Então a luz se dissolve no chão e a vejo: a lendária fada madrinha.

Ela não é como eu esperava. Pensei que fosse mais gordinha.

Mas não. Ela é supermagra. E tem olhos verdes grandes e com um brilho de felicidade. O cabelo revoltado é encaracolado e está preso num coque desajeitado. Em vez de vestido rodado, ela usa leggings pretas e um agasalho amarelo. É a versão humana de uma abelha. Bem, não exatamente humana. Fadas são humanas? Pelo menos eu acho que ela é uma fada. Mas não vejo nenhuma asa. Ela tem uma varinha amarela e preta que parece uma daquelas balas em formato de bengala que vemos no Natal. Isso se as tais bengalas fossem amarelas e pretas.

— Você é a fada madrinha? — solta Jonah.

— Sou sim. E vocês devem ser Abby e Jonah.

— Como é que você sabe? — pergunto.

Ela ri.

— As notícias voam. Então, Cinderela, o que eu posso fazer por você?

— Você precisa consertar o pé dela — explico. — Está inchado. E desse jeito ele não vai caber no sapatinho de cristal, e aí ela não vai poder se casar com o príncipe.

Farrah olha para Cinderela.

— É isso que você quer? Quer se casar com o príncipe?

— É claro que é isso que eu quero! — responde Cinderela. — Você acha que eu queria ir ao baile por quê? Para comer croissants de salsicha? Preciso que o príncipe me salve, preciso que ele me tire deste lugar!

Farrah pisca. E depois pisca outra vez.

— Como é que é?

— Preciso que ele me salve — repete ela. — Se eu me casar com ele, estarei livre dessa vida miserável.

— E, se a senhora não se incomodar — me intrometo —, pode nos indicar o espelho mágico mais próximo? Precisamos voltar para casa. Obrigada pela atenção.

Isso é perfeito. Todos os nossos problemas serão resolvidos com uma explosão brilhante amarela! Farrah vai consertar o pé de Cinderela e depois vai nos mandar para casa com um puf!

Farrah cruza os braços.

— Não.

— Como é que é? — Será que eu ouvi direito?

— Não — repete ela.

Cinderela pisca. E depois pisca de novo.

— Eu não entendo. Por que não?

— Para começo de conversa, não gosto que me digam o que devo fazer — diz Farrah, olhando feio para cada um de nós. — E segundo: Cinderela, não estou gostando dessa sua atitude. Nem um pouquinho. Você precisa aprender como salvar a si mesma! Precisa aprender a andar com os próprios pés!

— Mas meu pé está quebrado! — choraminga Cinderela. — Eu não consigo nem *ficar de pé*.

— Bem, é melhor aprender. Não pode depender de um príncipe para salvá-la. Precisa ser autossuficiente.

— O que é autossuficiente? — Quer saber Jonah.

— Significa só depender de si mesmo — explico.

— Eu sou autossuficiente — diz ele.

Dou uma fungada.

— Por favor. Você não arruma nem a própria cama.

— Isso quer dizer que você não vai consertar o meu pé hoje? — pergunta Cinderela, humildemente.

— Não vou consertar o seu pé hoje — repete a fada madrinha. Não consigo acreditar em como ela está sendo má. Nenhuma das versões do conto de fadas dizia algo sobre isso!

— Mas precisamos mesmo que você conserte o pé da Cinderela, e *hoje* — explico. — Se o sapatinho não servir, não vamos conseguir provar que ela é a garota certa! Não foi por isso que você a mandou para o baile? Para que ela pudesse conquistar o príncipe?

— Nããããããooooo — responde Farrah. — Mandei Cinderela ao baile para que ela pudesse aproveitar a noite na cidade.

— Não pensou que o príncipe poderia se apaixonar por ela? — pergunto.

— Não tenho nenhum problema com o príncipe se apaixonar por ela. Só não quero que ela fique desesperada para que isso aconteça. — Farrah balança a cabeça enquanto olha para Cinderela. — Você não é minha única incumbência. Sabe disso, não sabe? Também sou a fada madrinha do príncipe. Conheço o rapaz desde que ele era pequenininho, e não quero que ele termine com uma donzela em apuros chorona. De jeito nenhum! Ele precisa de uma companheira. Afinal de contas, uma rainha precisa ser forte. Se conseguir provar pra mim que não vai ficar dependente dele, eu ajudo você a conquistá-lo. Entendeu? Mostre pra mim que consegue andar com os próprios pés, e resolvo o seu problema. Estou disposta a ajudar, mas só se você se ajudar primeiro.

— Mas aí vai ser tarde demais! — digo. — O assessor do príncipe está a caminho!

— O assessor dele está do outro lado do reino. Ele não vai chegar aqui antes da tarde de terça-feira. Você tem até o meio-dia de terça para me chamar e provar que é autossuficiente. Ainda estamos na manhã de domingo. Você tem dois dias e meio. Faça bom uso desse tempo.

Mas... mas... mas...

— Espere! Farrah! E a gente? Pode nos ajudar a encontrar um espelho mágico para voltarmos para casa? — pergunto.

É tarde demais. Ela desaparece em uma nuvem amarela brilhante.

Capítulo doze



E agora?

Não temos tempo para pensar. Precisamos agir imediatamente. Cinderela manca pela cozinha, arrumando a louça do café da manhã, enquanto eu e Jonah varremos a sala de estar.

Para ser mais precisa, eu seguro a pá e Jonah tenta varrer.

Ele é o pior varredor que já vi na vida. Fica correndo pela sala com a vassoura, abanando a coisa para todas as direções. Acho até que ele deve estar deixando a sala mais empoeirada do que antes.

— Atenção, Jonah, atenção!

Ele varre, e um pouco de poeira vai parar dentro da minha boca.

— Jonah! — grito, cuspiendo.

— Desculpe! — responde ele. Só que está rindo então não acredito que sejam desculpas sinceras.

Ele fica sério e faz biquinho.

— Abby, como vamos voltar para casa?

— Eu... hum... Eu tenho um plano — respondo.

Embora, para ser bem sincera, eu não tenha plano algum. Estou bolando um agora mesmo. Mas acho importante Jonah acreditar que eu sempre tenho um plano. É minha obrigação de irmã mais

velha.

— É mesmo? — pergunta ele. — Qual é o plano?

— Ah. Tá. Bem...

— Você não tem um plano, não é?

— Tenho sim, eu tenho. Vamos ajudar Cinderela a provar para Farrah que ela pode ser autossuficiente até meio-dia de terça-feira.

— Qual é o problema dos contos de fadas com as 12 horas? — pergunta Jonah. — Não importa se é meio-dia ou meia-noite, sempre acontece alguma coisa às 12 horas.

— É verdade. E não sei explicar o porquê. Mas vamos voltar para o meu plano. Que tal isso: quando Farrah voltar, vai ficar tão impressionada com a nova e melhorada Cinderela que vai nos dizer onde o espelho mágico está.

— Mas e se ela não souber onde ele está?

— Ela deve saber — declaro. — No mínimo, ela mesma pode nos mandar para casa. Ela tem uma varinha de condão.

Jonah concorda com a cabeça.

— OK. É um bom plano.

Ouçõ passos no corredor. É Beatrice, a irmã mais perversa. Ela se parece muito com a mãe. O mesmo nariz estreito, os lábios finos, cabelo liso e franja: tudo igual. Só que o cabelo é castanho, não grisalho. E ela é a mais alta das três.

— Por que vocês dois estão aqui? — pergunta.

— Estamos ajudando Cinderela.

— Ótimo. Podem ajudar com a roupa suja. Estou sem lingerie limpa.

Temos algo em comum.

— Hum, tudo bem.

— Kayla! — grita Beatrice, na direção do andar de cima. — Você precisa que Cinderela lave a sua roupa?

— Sim — grita Kayla, em resposta.

— Os cestos estão no nosso armário — explica Beatrice. — Vamos visitar alguns amigos. Vocês precisam garantir que a roupa será lavada hoje, para que esteja pronta para ser usada amanhã. O assessor do príncipe virá amanhã, vocês sabem.

— Beleza. — A máquina de lavar daqui deve ser bem lerda.

Subo as escadas. A porta do quarto das irmãs está fechada, então bato. Depois do que aconteceu com Cinderela, nunca mais deixo de bater na porta.

— Entre. — Ouço alguém dizer.

Kayla está deitada de bruços na cama.

— Oi, Kayla — digo. — Só vim pegar sua roupa suja.

Ela vira o rosto na minha direção.

— Como é que você sabe o meu nome? Já nos conhecemos?

Bem, vi você babando pra cima do príncipe no baile, depois te espionei enquanto estava escondida embaixo da sua cama. Mas não. Tecnicamente, não nos conhecemos.

— Você é a irmã da Beatrice, certo?

— Sim.

— Estamos ajudando Cinderela enquanto o pé dela não melhora — explico. — Vamos lavar a roupa e depois fazer o jantar para vocês.

Ela concorda com a cabeça.

— Tudo bem — diz, virando a cabeça para o outro lado de novo.

— É um prazer conhecer você também — completo, sarcástica.

Ela nem se incomoda em responder.

Saio arrastando o cesto dela escada abaixo.

— Cinderela? — chamo, olhando para a cozinha.

Mas ela já terminou de arrumar a cozinha, e conseguiu varrer e tirar o pó do mármore da entrada. Tudo sozinha.

E com um pé só.

Ela é uma máquina de limpar.

— Uau — digo.

— O que é? — pergunta ela.

— Onde fica a máquina de lavar e a de secar? — pergunto.

— As o quê?

— A máquina de... — eu paro. — Vocês não têm máquina de lavar nem de secar?

— Eu sou a máquina de lavar e de secar — responde ela. — Lavo as roupas na mão e depois as estendo para que sequem.

Caramba. Mesmo que meus pais não se deem o trabalho de usá-las, nunca me senti tão feliz por termos máquinas de lavar e de secar.

Eu e Cinderela estamos de quatro lavando as roupas das meias-irmãs na banheira do porão. Pelo menos tem água encanada em Flom, ou estaríamos dentro de um rio agora.

Eu ensaboo, Cinderela enxágua. E Jonah pendura as peças. Somos uma linha de produção completa. Em seguida, vamos passar os vestidos. Cinderela vai me ensinar a usar a tábua de passar e tudo mais.

— Não consigo entender o que Farrah quer de mim — diz Cinderela. — Como posso salvar a mim mesma?

— Vamos pensar — digo. — Você disse que vive presa aqui, não é?

— Eu *estou* presa aqui. Não tenho para onde ir.

— Mas você não está acorrentada à casa — digo. — Pode sair, se quiser.

— Onde está o seu pai? — pergunta Jonah. — Ele morreu?

— Ele não morreu — responde Cinderela. — Só foi embora.

— Pra onde?

— Ele só se foi. Ele nos deixou. Ele me deixou. A morte da minha mãe foi demais para ele.

— Mas ele se casou outra vez — digo.

— Acho que ele só queria encontrar um lugar onde eu pudesse viver, já que eu tinha 12 anos. E, assim que consegui, ele se foi. Costumávamos receber cartões-postais, mas não temos notícias dele há três anos.

— Que horrível! — diz Jonah. — Não acredito que um pai possa fazer isso.

— Ele é marinheiro — diz Cinderela. — E foi embora. Duvido que eu o veja de novo, algum dia. Mas ele me deixou aqui. Encalhada. Não tenho dinheiro e nem para onde ir. É por isso que preciso que o príncipe me salve.

— Por que você não procura um emprego? — sugiro, enxaguando um par de meias listradas. — Assim vai ter seu próprio dinheiro, e aí poderá comprar sua própria casa.

— Mas Cinderela vai se mudar para o palácio quando se casar com o príncipe — diz Jonah. — Ela não precisa comprar a própria casa.

— Ela não vai se casar com o príncipe se Farrah não “consertar” o pé dela — argumento. — E Farrah só vai ajudar se Cinderela ajudar a si mesma. Arrumar um emprego e se mudar podem mostrar pra Farrah que ela consegue ser autossuficiente. Mas, se Farrah disser que não é o bastante, pelo menos Cinderela não vai mais estar presa aqui. Ninguém perde com esse plano!

Cinderela inclina a cabeça para o lado.

— Mas que tipo de trabalho eu faria? Não sou muito boa em nada.

— Isso não é verdade — digo. — Você é a faxineira mais rápida do mundo. Arrumou aquela sala inteira em 45 segundos.

— Pode trabalhar fazendo limpeza — sugere Jonah.

— Temos que ser mais ambiciosos — respondo, arregalando meus olhos. — Você pode abrir uma firma de limpeza! Pode treinar várias faxineiras para que limpem tão rápido quanto você, e aí elas podem trabalhar na casa de outras pessoas! Você nos ensinou a limpar, pode ensinar outras pessoas também! Terá seu próprio negócio. Fará uma fortuna. Pode chamar a empresa de... “Adeus, bagunça”. Não, espere. “Limpadela da Cinderela”! — Jogo o braço pro ar, sentindo orgulho de mim mesma. Sou uma grande fã de rimas. Mesmo que eu não lembre direito se essa palavra existe. Tanto faz. Ficou fofo. De agora em diante, posso ser chamada de Fab Abb.

Cinderela dá de ombros.

— De jeito nenhum. Eu detesto limpar. Faço rápido só para me livrar logo. Não quero limpar a casa dos outros em troca de dinheiro. Também não quero limpar este lugar e, se tivesse uma casa, não iria querer limpá-la. Se eu tivesse dinheiro, contrataria a Limpadela da Cinderela para trabalhar pra mim.

— Acho que a empresa não usaria o seu nome se você não fosse parte dela — lembra Jonah.

Cinderela concorda com a cabeça.

— É verdade.

Tenho certeza de que ela está perdendo uma excelente oportunidade de trabalho, mas tudo bem. Penso mais um pouco.

— Que tal algo com animais? — pergunto. — Você se dá bem com os camundongos, não é?

— Farah se dá bem com os animais, não eu. E, ainda por cima, tenho alergia a cachorro. Fico com tosse, e eles me fazem espirrar. Gatos também.

— Será que você pode ser advogada? — pergunta Jonah. — É a profissão dos nossos pais.

— Precisa de anos de estudo para advogar — interrompo, meio irritada. — Não é para qualquer um, sabe.

— Não quero ser advogada — diz Cinderela. — Envolve muita argumentação. — Ela enxágua a água de uma das camisas de Beatrice. — Está faltando um botão. Terei que pregar um novo.

Hummm.

— Você sabe costurar?

Ela concorda com a cabeça.

— É claro. Você não sabe?

— Nunca tentei — digo. — Mas provavelmente consigo. Só que estamos falando de você. Poderia ser costureira profissional, Cinderela.

— Seja mais ambiciosa — diz Jonah, lembrando o que eu tinha dito antes. — Pode fazer roupas. Virar estilista.

— Perfeito! — concordo. Isso aí, Jonah! — Você vai fazer roupas para vender. É um ótimo plano!

— Mas o que eu devo fazer?

— Algo único — digo. — Algo que mais ninguém esteja fazendo. O que você sabe costurar?

Cinderela dá de ombros.

— Nunca fiz nada do zero, mas costuro muito bem. Faço bainhas em saias, lençóis, vestidos.

— Você sabe fazer roupa de baixo? — pergunto. A minha calcinha está me incomodando.

— Humm, acho que sim.

— Esquece. Vamos focar em peças que as pessoas de Flom querem mesmo usar.

— As pessoas de Flom usam roupa de baixo — responde ela, parecendo ofendida.

— Não, estou falando de roupas para ocasiões especiais — explico, e penso nas pessoas de Flom. Do que todos eles gostam? Ah! — Todos amaram o seu vestido! O que você usou no baile. Não paravam de falar de você.

Ela assente mais uma vez.

— Todos gostaram mesmo do meu vestido. Eu *adorei* meu vestido. Gostaria de ainda tê-lo.

Bingo!

— É isso que você vai fazer! O vestido da Cinderela! Um monte de vestidos da Cinderela, e depois vai vendê-los.

— E faça um para você também — completa Jonah. — Quem sabe o assessor do príncipe te reconhece se você estiver usando um vestido quando ele vier experimentar o sapatinho.

Os olhos de Cinderela se iluminam.

— Esse sim, amiguinho, é um ótimo plano.

E, quando ela terminar com os vestidos, talvez possa fazer pra mim um par de jeans, uma camiseta e algumas calcinhas.

Capítulo treze



Projeto Cinderela

Interrompemos o processo de lavar roupas para procurar material pela casa.

— As cortinas da sala de estar! — sugiro. — São platinadas!

— Estão mais para prateadas — retruca Cinderela.

— É diferente? — Sinceramente, não vejo diferença alguma. Vai ser como em *A noviça rebelde*, quando Maria faz as roupas das crianças.

— Não posso sumir com as cortinas — explica Cinderela. — Betty perceberia.

— Existe alguma outra coisa prateada da qual ela não daria falta? — pergunto.

— Acho que ela pode ter algumas toalhas de mesa sobressalentes — responde Cinderela. — Vamos procurar no closet.

Marchamos até o closet e encontramos um monte de toalhas.

— Essa aqui não é feia — comento. — Não é bem prateada. Está mais para cinza. Mas dá pra gente enfeitar.

— Primeiro precisamos terminar de lavar a roupa — diz Cinderela.

— Nós terminaremos de lavar a roupa — ofereço. — Você vai fazer as roupas.

— Estarei no sótão — diz ela. — Me desejem sorte.

Dez minutos mais tarde, dou uma espiada no quarto.

— Como está indo?

— Muito bem — responde ela, debaixo da toalha de mesa.

— Você desenhou um modelo?

— Hum, não. Deveria ter feito isso?

— Acho que é assim que os estilistas trabalham.

— Eu não desenho muito bem — explica ela. — Então só comecei a cortar.

— Tudo bem — digo. Ela deve saber mais sobre vestidos do que eu. — O que fazemos agora?

— Vocês podem arrumar as camas?

Isso eu com certeza posso fazer. Diferente do meu irmão, arrumo minha cama todas as manhãs.

Já que Betty e as meias-irmãs de Cinderela saíram para “visitar amigos” (pois é, elas têm amigos?

Como? Eu também fiquei chocada), passo o tempo arrumando as camas e bisbilhotando as coisas delas.

No caderno de Kayla, encontro “*Kayla + Jordan*” anotado em todas as páginas. Eu teria pena dela se a menina não fosse tão malvada.

Desço as escadas e encontro Jonah lendo o jornal na mesa da cozinha. E, quando digo jornal, na verdade estou falando da seção de quadrinhos do jornal.

— Vamos — chamo.

— Adivinha o que eu encontrei? — pergunta ele.

— O Nate?

— Não. Mas aqui tem uma tirinha chamada O Grande Tate. Acha que tem alguma coisa a ver?

— Talvez. Vamos, temos que arrumar as camas.

— Calma. Achei outra coisa que você pode gostar.

Ele vira as páginas do jornal.

— Veja!

Apartamento em prédio residencial para alugar.

Rua do Sapatinho, 33.

Aconchegante, 56 m².

Banheiro, cozinha grande e janelões!

Andar térreo! Bem iluminado! Excelente localização — próximo do comércio e do palácio.

Não aceita animais de estimação.

100 dólares por mês.

— Não é perfeito para Cinderela? — Fica na Rua do Sapatinho. Acho que é um sinal. Também não aceitam animais de estimação, e ela é alérgica.

— Como é barato o aluguel em Flom — comento. — Que incrível.

Subimos as escadas fazendo barulho para contar a novidade para Cinderela.

— Parece um sonho — diz ela.

Dou uma olhada no quarto. Tudo que vejo é um monte de tecido espalhado.

— Como está indo? — pergunto, um pouco preocupada. Mas ela parece bem concentrada, o que é um bom sinal.

— Tudo bem. Nasci pra isso. Mas acho que vou precisar de mais uma hora, mais ou menos.

— Diga-nos se precisar de ajuda! Boa sorte!

Uma hora depois:

— Cinderela? Como você está se saindo aí?

— Maravilhosa! Preciso de mais uma hora! Você acha que pode começar a preparar o jantar? Talvez uma salada Ceasar com frango? Tem sobra de frango de ontem.

— Hum, não sei fazer salada Ceasar — respondo.

— Não podemos pedir pizza? — pergunta Jonah.

— O livro de receitas está no balcão. Ele explica como preparar o molho — grita Cinderela.

— Ah. Tudo bem.

Não pode ser tão difícil. Né?

Seguimos a receita do livro. Picamos. Fatiamos. Misturamos. Terminamos de preparar o molho. Então partimos para a salada.

— Foi mais fácil do que pensei! — digo, mastigando um pouco de alface que sobrou.

Quem diria?! Cozinhar é divertido. E os livros de receita facilitam muito. Cinderela tem *O livro de receitas oficial de Flom*. Há um capítulo para cozidos. Outro para pizza. E tem um para uma coisa chamada *Kingslingions*, uma especialidade de Flom, que é feita de arroz, barbatana de tubarão, azeitonas e abacaxi (e eu não quero experimentar isso nunca). Tem também um capítulo para sobremesas. Cookies com pedaços de chocolate! Torta de limão! Bolo de chocolate branco! Delícia.

Quando terminamos tudo, subimos as escadas outra vez.

Bato à porta e chamo:

— Cinderela? Você ainda está aí? Como está indo?

— Tudo pronto — diz ela. — Estou só experimentando. Entrem!

— Mal posso esperar para ver o vestido — digo, dando um gritinho.

— E aqui vou eu! — Ela sai do closet e comemora. — Ta-da!

Ah.

Ah, não.

Não ficou bom.

Não ficou nem um pouco bom.

Os cantos estão tortos. As mangas parecem irregulares. Tem uns cortes em lugares que não deveriam ter cortes. E parece sete tamanhos maior do que ela.

Ela está parecendo a noiva de Frankenstein.

Cinderela dá uma pirueta.

— Não ficou lindo? Foi bem mais fácil do que imaginei.

Jonah me puxa pelo braço.

— Foi o que você disse quando fez a salada.

Verdade. Só que a salada Ceasar se parecia com salada Ceasar. Esse vestido não se parece em nada com o vestido que ela usou no baile. Nem mesmo se parece com um vestido. Parece uma toalha de mesa que foi atacada por uma turma do jardim de infância armada com tesouras.

Cinderela gira mais uma vez.

— Farei suas calcinhas com o tecido que sobrou.

Obrigada, mas não precisa. Mesmo.

— Cinderela, não sei como explicar isso, mas...

A expressão dela é de puro desapontamento.

Dou um suspiro.

— Você realmente precisa de um espelho.

Capítulo catorze



E qual vai ser o próximo plano...?

— Minha nossa — diz Cinderela. Estamos no quarto das meias-irmãs, examinando o vestido em um dos espelhos. Ela se olha de todos os ângulos possíveis. — Ai, ai, ai. Não sou uma boa estilista.

— Não — concordo. — Não é mesmo.

— Mas pode continuar praticando — diz Jonah. — Ninguém aprende uma coisa do dia para a noite.

— Isso é verdade — digo. — Mas já é a noite de domingo. E quase hora do jantar. Só temos mais um dia e meio para conseguir cem dólares!

Cinderela suspira.

— O que foi? — pergunto.

— Só acho que é uma trabalhadeira horrorosa para uma coisa que nem vai ser necessária, no fim das contas. Quero dizer, se Farrah ficar convencida, vai me ajudar e aí vou casar com o príncipe e morar no castelo. Não vou precisar de um apartamento.

— Você poderia manter um escritório no apartamento — diz Jonah.

Ela faz um biquinho.

— Escritório para quê?

— Para ter um trabalho! — Tento lembrá-la. — Eu quero me casar um dia. Mas ainda assim quero ser juíza. Mesmo que se case com o príncipe, você pode descobrir que gosta de ser autossuficiente. Até mesmo uma princesa deve se sentir autossuficiente. Mas, enquanto isso, você precisa de um emprego. Tem certeza que não quer trabalhar com limpeza? Ou talvez apenas lavar roupas?

— Odeio lavar roupa — diz Cinderela. — Minhas mãos estão completamente rachadas. E é chato. Quero *fazer* alguma coisa.

— Está fazendo algo ficar mais limpo — retruco.

Cinderela dá de ombros.

— A salada Ceasar de frango está pronta?

— Sim. Tudo pronto.

— Ah, ótimo. Você preparou algo para a sobremesa?

— Não. Deveríamos ter preparado?

— Eu posso fazer. Mas temos que correr. Elas vão chegar em casa logo e jantam pontualmente às sete horas.

Meu estômago ronca.

— E quando *nós* comemos?

— Depois que elas terminam.

— Puxa vida — reclama Jonah. — Estou com fome.

Ajudamos Cinderela a descer as escadas e entrar na cozinha. Ouvimos quando a porta da frente se abre, e Betty enfia a cabeça pra dentro da cozinha.

— Espero que o jantar esteja quase pronto — diz.

— *Gezuty* — diz Jonah.

— Quê?

— É uma palavra smithvilliana para “quase” — explica ele.

Ela revira os olhos e sai.

— Então, o que vamos preparar? — pergunto, folheando o livro de receitas. — Bolo? Torta de limão? Cookies?

— Que tal brownies? — pergunta Jonah.

— Humm, eu adoro brownies — digo. — Vamos fazer isso.

Cinderela franze a testa.

— O que é um brownie?

Fico de queixo caído. Meu irmão também.

— O que é um brownie? — grito. — Você tá brincando?

Ela balança a cabeça.

— Nunca ouvi falar nisso.

— Você nunca comeu um brownie de chocolate? — repete Jonah, confuso.

— Nunca comi nenhum tipo de brownie — responde ela, dando de ombros.

— Você realmente precisa sair mais — comento. — Tenho certeza de que a receita está no livro. — Viro as páginas. Cupcakes de canela. Torta de abacaxi. Cookie de chocolate. Muffin de maçã... mas nada de brownies. NÃO TEM BROWNIE?

— Não consigo achar uma receita de brownie. Isso deveria ser ilegal.

— O que exatamente é um brownie? — pergunta ela.

— É um quadradinho delicioso — respondo.

— Então vamos fazer alguns — diz Cinderela. — Você sabe fazer?

— É fácil — responde Jonah. — Você pega o pacote com a mistura de brownie e entrega pro seu pai ou pra sua mãe, e eles misturam com algumas coisas.

Ele parece um pouco decepcionado. Ou ele percebe que Cinderela não tem mistura para brownie, ou lembra que nossos pais não têm mais muito tempo para preparar brownies.

— Ah — diz ele. — Acho que não vai funcionar. Talvez seja preciso fazer do zero.

— E qual é a receita? — pergunta Cinderela.

Olho para Jonah. Ele olha para mim.

— Eu não sei — respondo. — Nossos pais nunca fizeram do zero.

— Tudo bem. Então me expliquem como é o gosto — pede Cinderela. — Talvez eu consiga entender.

— Tem gosto de chocolate. São como uma mistura de cookie e bolo — explico.

Cinderela amarra um avental na cintura e pega uma tigela.

— Eu cozinho bastante, então faremos algumas experiências. Vocês se incomodam de experimentar para ver se acertei ou errei?

— Tá aí uma coisa que não me incomoda nem um pouco — diz Jonah. — Vamos aos brownies!

Humm. Acho que tive uma ideia.

— Você cozinha bastante?

— Sim — responde ela, ligando o forno. — Muito.

— Você gosta de cozinhar? É uma coisa que você poderia fazer mais vezes?

— Claro — continua ela. — Acho relaxante.

— Você é uma boa cozinheira?

— Não sou ruim — retruca ela, dando de ombros.

— Você cozinha melhor do que costura? — pergunto.

Ela ri.

— Muito melhor. Vocês estão pensando o mesmo que eu?

Meu cérebro está a mil.

— Acho que esse podia ser o seu trabalho. Você pode fazer brownies para vender! Todos de Flom iriam comprar, porque você seria a única pessoa daqui que sabe como fazer.

— E onde eu venderia esses brownies? — pergunta Cinderela.

— No seu apartamento — respondo. — Seria um apartamento e padaria. Fica no térreo, é perfeito!

— Vocês querem que eu tenha minha própria loja?

— Sim! Não seria legal? Pode chamar a loja de Brownies da Cinderela. Espere. Não. Isso não rima. Que pena que não sejam cookies de canela... — Uma rima ruim, mas aceitável.

— Flom já tem cookies — diz Cinderela.

Bato meus dedos no balcão.

— Certo. E vocês têm bolo e cupcakes, certo?

Ela concorda com a cabeça.

— Temos.

— Bom, então faremos brownies. Vou continuar pensando em um nome para a loja.

— Mas eu preciso vender esses brownies para ter o dinheiro pro apartamento — explica Cinderela.

— Acho que dá pra vendê-los no mercado. Podemos montar uma barraquinha.

— Perfeito! — concordo. — Vamos amanhã!

— Uhu! — comemora Jonah.

— Nossos problemas ainda não estão resolvidos — diz Cinderela, com a testa enrugada. — Eu ainda não sei como preparar os brownies.

Ops. Verdade.

— Você vai descobrir. Confio cem por cento nas suas habilidades culinárias.

Espero que eu não tenha que comer as minhas palavras.

Capítulo quinze



Se as coisas não derem certo de cara, continue comendo

Enquanto Cinderela se ocupa com o fogão, Jonah põe a salada Ceasar de frango nos pratos, que eu levo para a sala de jantar e sirvo.

— Você colocou pouco frango pra mim — reclama Beatrice.

Foi maaaaaanaaaaaalllllll.

— Quer que eu pegue mais? — pergunto.

— Claro que eu quero. Por que eu teria reclamado se não quisesse?

Hum, porque você reclama de tudo? Até o momento, ela reclamou que:

1. Tem uma sujeira no garfo.
2. Tem uma corrente de ar na sala.
3. Não tem pimenta na mesa de jantar.

— Mais alguma coisa?

Olho para Kayla, mas ela está ocupada demais encarando o próprio prato. O que ela tem?

— Também precisamos de mais água — diz Betty. — Estou com sede.

— Tudo bem — respondo, com falsa alegria. Contanto que elas não entrem na cozinha, tá tudo muito bem.

Mantenho o sorriso falso no rosto até entrar na cozinha, então resmungo.

— Betty e Beatrice são insuportáveis. Mais água! Mais frango! Garfos limpos! Blá-blá-blá!

— Não se esqueça de Kayla — completa Cinderela, tirando a primeira fornada de brownies do fogo. — Ela ainda não reclamou que a comida está com pouco sal? Ela sempre reclama que a comida precisa de mais sal.

— Na verdade, não. — Ela mal abriu a boca. E também quase não comeu. Só fica mexendo a comida no prato.

— Talvez ela esteja ficando doente ou algo assim — diz Cinderela.

Ela corta dois pedaços de brownie e entrega um para Jonah e um para mim.

— Aqui, provem.

— Eca! — reclama Jonah, cuspiendo o brownie no lixo.

— Jonah, que falta de educação! — brigo.

— Mas tem um gosto horrível!

— Você pode tentar elaborar críticas construtivas, por favor? — peço.

Ele parece pensativo.

— Precisa ser menos horrível.

Dou uma mordidinha. Concordo com o “eca”, mas guardo a informação só para mim.

— Muito construtivo, Jonah, obrigada. Acho que precisa de mais açúcar. E talvez de mais pedaços de chocolate.

— Farei isso — responde Cinderela, dançando pela cozinha.

Acho que ela está se divertindo. Agora só precisamos que ela asse um brownie decente, e tudo vai ficar bem.

A segunda fornada também sai horrorosa. E muito gosmenta. Eu nem sabia que era possível fazer brownies tão gosmentos, mas é o que acontece.

— Será que ofereço esses aqui de sobremesa pras malvadas lá na sala? — pergunto.

— Sim — responde Jonah. — Talvez faça com que elas vomitem.

Estremeço.

— Mas aí teríamos que limpar o vômito...

— Na verdade não sei o que servir de sobremesa para elas — comenta Cinderela. — Não temos nada pronto.

— Tem alguma fruta? — pergunto.

— Fruta não é sobremesa — retruca Jonah, parecendo horrorizado.

— É sim — digo. — Vi algumas tangerinas. Elas podem comê-las.

— Precisam estar descascadas — comenta Cinderela.

— Sério? — resmungo. — Jonah, me ajude aqui.

— Estou meio ocupado — diz ele.

Ocupado para ele quer dizer enfiando os dedos na tigela com massa de brownie e lambendo.

— Depois que você fizer os brownies de chocolate, pode fazer de caramelo? E depois com pedacinhos de chocolate? E blondies?

— E alguns com nozes — completo.

— Eca — reclama Jonah. — Ninguém gosta de nozes no brownie de verdade. Só comem porque são obrigados.

— Por que alguém é obrigado a comer os brownies com nozes? — pergunto.

— Porque os pais acham que nozes são saudáveis. Que nem bolo de cenoura. As pessoas acham que é saudável só porque tem cenoura no nome. Pfff. Por favor, não coloque nozes no brownie.

— Já entendi — responde Cinderela. — Nada de nozes.

— E nada de cenoura — completa Jonah.

A ideia das tangerinas não dá muito certo.

— Fruta não é sobremesa — reclama Beatrice.

— Espero que você faça uma sobremesa de verdade amanhã — comenta Betty. — Vocês estão em três. Não têm desculpa.

Ai, que raiva!

Kayla só encara as tangerinas.

De volta à cozinha, descubro que a terceira fornada de brownie queimou.

Começo a ficar nervosa.

— Que tal brownies de ketchup? — sugere Jonah.

— Que nojento — respondo. — E pare de comer a massa do brownie, Jonah!

— Acho que essa precisa de baunilha — diz Cinderela, ao provar a quarta fornada. Eu tinha acabado de tirar a louça da mesa de jantar.

Não tenho ideia de como a baunilha pode interferir no sabor dos brownies, então simplesmente acredito nela.

— Cinderela? — chama Kayla, enfiando a cabeça pela porta cozinha. — Quero outro copo de água.

É sério isso? Ela não pode pegar água sozinha?

— É claro — responde Cinderela.

Kayla observa os diversos pratos com brownies.

— O que você está fazendo?

— Preparando a sobremesa de amanhã — responde Cinderela. E ela nem está mentindo.

— Ah — diz Kayla.

Parece que ela quer dizer mais alguma coisa, mas não diz. Entretanto, quando Cinderela estende o copo com água, ela sussurra um “obrigada” bem baixinho. Depois sai correndo da cozinha.

Cinderela parece impressionada.

— O que foi aquilo? — pergunta. — Kayla nunca agradece. Nenhuma delas nunca agradece nada.

— Que falta de educação — digo.

— E isso é o de menos — responde Cinderela. — Na semana passada, Kayla derrubou molho de tomate na cadeira e depois disse que tinha sido eu. Betty me fez esfregar a mancha com minha escova de dentes. Ela e Kayla ficaram olhando e rindo. Daí Beatrice derrubou mais molho de propósito. Elas são terríveis. Claro, é Beatrice que costuma começar, mas Kayla não é nem um pouco santa.

Coloco os braços ao redor dos ombros estreitos dela.

— Você vai sair daqui logo, logo. Eu sei que vai.

— Vai sim — concorda Jonah, se servindo de mais uma colher de massa de brownie. — Isto aqui não é ruim. Não é tão maravilhoso quanto folhado de cachorro-quente, mas... — Os olhos dele se iluminam. — Você consegue fazer brownies de folhado de cachorro-quente? Seria incrível.

— Por favor, não faça — peço.

— Poderíamos mergulhá-los no ketchup!

Às vezes não sei como podemos ser parentes.

A quinta fornada que Cinderela prepara fica pronta por volta das onze horas.

Mastigo com calma. Tem gosto de chocolate. Está gosmento na medida certa. E derretendo na boca de um jeito delicioso. Viva!

— Cinderela — digo, devagar. — Esse é o melhor brownie de chocolate que já comi na vida.

Na manhã seguinte, esperamos que Betty e as filhas saiam para visitar mais amigos para que possamos continuar assando os brownies. (Já sei o que você está pensando: mais amigos?)

Usamos todo o chocolate, toda a farinha, todos os ovos e preparamos dez fornadas de brownies — 12 por fornada. Esperamos que eles esfriem, depois os embalamos e nos preparamos para ir ao mercado.

Se os vendermos por um dólar cada, teremos dinheiro de sobra. Mas Cinderela vai precisar de mais dinheiro para os ingredientes e outras coisas.

Só que...

— Humm, pessoal? — chamo.

Estamos prontos em frente da casa de Cinderela. Temos os brownies, alguns letreiros e até a tábua de passar roupa. Essa ideia maravilhosa foi minha. Precisamos de uma mesa qualquer para a barraquinha, não é mesmo?

— Onde o mercado fica? E como chegaremos lá?

— Cinderela — começa Jonah. — Você não tem um carro ou algo assim para nos levar até lá?

Ela nega com a cabeça.

— Minha carruagem se transformou em uma abóbora amassada, lembram?

— Como costuma ir até lá? — pergunto.

— Costumo ir andando. Não é tão longe assim. Talvez uns vinte minutos de caminhada. Não tem problema andar.

— Hum, tem problema sim. Estamos carregando dez bandejas de brownie. — Olho para baixo, na direção do pé dela, que ainda está inchado. — Mesmo que eu consiga carregar a sua parte com Jonah, acho que não vamos chegar a lugar algum andando.

— Talvez ela possa ficar aqui, fazendo mais brownies? — pergunta Jonah. — E nós cuidamos da venda?

— Acho que Farrah não vai se convencer, desse jeito. Como Cinderela vai aprender a andar com os próprios pés se a deixarmos para trás? — pergunto.

Ficamos lá, parados, sem saber exatamente o que fazer.

Uma carruagem passa por nós. E depois mais uma.

— Que tal chamar um táxi? — sugere Jonah.

— Um o quê? — pergunta Cinderela.

Hummm. Se essa coisa de brownie não der certo, ela pode investir em uma empresa de táxi.

— Bem, podemos usar o carrau.

— Não, eu odeio mingau — responde Jonah. — Continue com os brownies, por favor.

— Usar o quê? — pergunto.

— O carrau! Vocês não têm carraus em Smithville?

— Não sei o que é isso — respondo.

Ela olha para mim, incrédula.

— Essa tal de Smithville é mesmo atrasada.

Humpf. Pelo menos temos brownies.

— Ora, vejam — diz ela, apontando para a rua. — Lá vem um carrau!

Avistamos uma carruagem sendo puxada por dois cavalos. Na frente uma sinalização indica “5: Centro da cidade”.

— Ah — exclama Jonah. — É um ônibus!

— É um carrau — diz Cinderela. — Sabe, uma carruagem universal, para todos.

— Legal — digo. — Mas quanto custa? Não temos dinheiro.

— Cinquenta centavos por pessoa — diz ela. — Para cada viagem.

— Talvez a gente possa pagar com brownies. — Aceno para o motorista quando o carrau se aproxima, mas ele não para.

— Não seja boba — diz Cinderela. — Só dá pra embarcar no carrau quando ele está no ponto.

— Onde é o ponto? — pergunto, irritada. Nunca vamos conseguir chegar!

— No fim da rua — explica Cinderela.

Vejo uma placa em forma de um diamante na esquina.

— Jonah, você corre. Eu ajudo Cinderela. Vai, vai, vai!

Jonah sai correndo com sua parte dos brownies. Não sei se ele vai conseguir.

Cinderela e eu o seguimos o mais rápido possível.

— Ai — reclama ela, a cada passo. — Ai, ai, ai.

— Estamos quase lá — digo para encorajá-la. Pobrezinha.

Ele corre... Corre... E consegue!

Jonah sobe na carruagem. Um segundo depois, desce.

— Ele vai nos levar — grita. — Por meia dúzia de brownies!

— Seis brownies? Isso é um roubo! Equivale a seis dólares!

— É ainda pior. Tive que dar um brownie inteiro para que pudesse provar. Ele gostou, gostou muito, mas é a oferta final. Disse que é pegar ou largar.

— Não temos escolha — diz Cinderela.

Eu resmungo. Isso me parece uma chantagem com brownies.

— Tudo bem. Mas seis brownies e só — concordo. Gostaria de ter guardado alguns dos que não ficaram bons ontem.

Alcançamos o ônibus, entregamos os brownies do pagamento e nos apertamos em um lugar.

— Isso é muito bom — diz o motorista. Algumas migalhas ficam grudadas no bigode dele. — Como se chamam mesmo? Crownies?

— Brownies — explica Jonah.

Hum. Eu meio que gosto de *crownies*. E já que ninguém aqui sabe o que é um brownie, podemos chamá-los de *crownies*, se quisermos. Por que não? Nós que inventamos! E assim podemos chamar a loja de “Crownies da Cinderela”.

— Crownies da Cinderela — anuncio. — Estaremos no mercado. Avise aos seus amigos.

Cinderela apoia o pé no assento. Os dedos dela ainda estão do tamanho de marshmallows.

Hummm. E crownies de marshmallows?

Olho para os dedos dela de novo. Eca. Deixa pra lá.

Capítulo dezesseis



Chega mais

No mercado tem muita coisa legal. Comida, roupas, móveis, pessoas velhas com roupas bufantes. Montamos a tábua de passar roupa. Jonah pendura nela um cartaz que diz: “Brownies da Cinderela! Um dólar cada!”

Pego uma caneta e transformo o B de brownie em um C. *Crownies* fica muito melhor. Os brownies-crownies parecem deliciosos. E cheiram muito bem.

Só temos um problema. Quer saber? As vendas.

Nada. Zero.

— Por que ninguém comprou nenhum? — lamenta Jonah, terminando um brownie-crownie.

— Talvez estejam caros demais — sugere Cinderela.

— Pode ser, mas é que assim não precisaremos vender tantos — explico.

— Certo, mas agora não estamos vendendo nenhum — retruca ela. — Se forem mais baratos, mais gente vai querer comprar.

Quando foi que ela se transformou nessa gênia dos negócios?

— Tá. Vamos tentar vendê-los por 50 centavos cada.

Mudo o cartaz para “Dois por um dólar”. Não ajuda.

Quer saber o que também não está ajudando? Jonah está comendo todos os brownies-crownies.

— Que horas fecha o mercado? — pergunto.

— Temos mais algumas horas — diz Cinderela. — Depois precisamos voltar para casa e preparar o jantar.

— Pelo menos já temos a sobremesa — diz Jonah.

Uma mulher mais velha se aproxima da mesa e dá uma farejada.

— O que estão vendendo? — Ela ladra.

— Brownies — responde Jonah.

— Crownies — corrijo. — Gostaria de comprar dois? É apenas um dólar.

— O que é um crownie?

— É um doce muito gostoso!

— Não, obrigada — responde ela, se afastando.

— Não sabe o que está perdendo! — grita Jonah, na direção dela, e depois pega mais um brownie-crownie.

Espera aí.

— Esse é o problema!

— Qual? — pergunta Jonah.

— Eles não sabem o que é um crownie! — explico.

— Ninguém sabe o que é um crownie — retruca Jonah. — Essa palavra não existe.

Eu o ignoro.

— Ninguém sabe como os crownies são bons. Precisamos deixar eles provarem. Foi assim que você convenceu o motorista do carrau, não foi? Vai funcionar aqui também!

— Você quer que a gente ofereça os crownies de graça? — pergunta Cinderela, de olhos arregalados.

Faço que sim com a cabeça.

— Só que não vamos dar um inteiro. Vamos cortar o pedaço em pedacinhos menores. Quando as pessoas provarem, vão querer comprar! Vai ser como em um supermercado! Eu adoro quando eles dão uma provinha. Jonah, você vai lá pro meio de todo mundo e oferece. Não se esqueça de dizer que estamos vendendo os crownies aqui. Combinado?

Ele bate continência para mim e responde:

— Certo, capitão!

Divido um brownie em vários pedacinhos, coloco todos em um prato e o entrego ao meu irmão.

— E, Jonah...

— O quê?

— Nada de comer esses aqui!

Demos vinte crownies para que as pessoas experimentassem. E vendemos dez por cinquenta centavos cada um. Ou seja, ganhamos cinco dólares. Mas gastamos dez dólares para divulgar o produto.

— É melhor do que nada — comenta Cinderela.

— Verdade — respondo. — Roma não foi construída em um dia.

— O que é Roma? — Quer saber ela.

— Você precisa mesmo sair mais de casa — respondo.

— Não tenho mais provas para oferecer — diz Jonah, voltando para a barraquinha.

— Nós ainda temos — digo. — Quer trocar um pouco?

— Claro — responde ele.

Corto os crownies em pedaços ainda menores e começo a circular pelos corredores. Há um açougueiro vendendo carne. Um casal vende cordões de prata com um olho verde pendurado. Meio assustador. Ah! Uma mulher ruiva está vendendo vestidos muito fofos por dez dólares! Queria ter dinheiro para comprar um. Estou usando um dos vestidos cinzentos e sem-graça de Cinderela. Ele me dá coceira. E tem duas vezes o meu tamanho.

— Crownies! — anuncio. — Experimentem um de graça! Um doce novo e delicioso como você nunca viu! É uma mistura de cookie e bolo! O chocolate vai derreter na sua boca! E combina muito bem com um copo de leite!

Algumas pessoas pegam as amostras, e eu peço para que apareçam na nossa barraquinha.

— Vou experimentar um — diz um garotinho sardento.

Entrego um pedaço a ele e vejo seus olhos se arregalam de felicidade.

— Delicioso! — exclama.

— Com licença, quer experimentar um? — Ofereço para uma mulher grávida. — Estamos vendendo por cinquenta centavos na nossa barraquinha.

— Claro... — responde ela. — Ei, são deliciosos!

Dou mais um pedacinho a ela, já que está experimentando por dois.

— Com licença, quer experimentar os crownies da Cinderela? — pergunto para uma mulher que está de costas. — São deliciosos! São feitos em casa! Venha conhecer a doceira!

Ela se vira.

Ela não tem cabelo loiro nem castanho. Fica entre os dois tons. E é crespo. Não tem olhos azuis, nem verdes e nem brilhantes e expressivos. São normais. E os lábios dela são finos.

Meu queixo cai.

O queixo dela cai.

É Kayla.

Capítulo dezessete



Beco sem saída

Aaaaaaiiiiiiii.

A primeira coisa que me vem à mente é: CORRA, ABBY, CORRA!

Então eu corro.

Passo pela mulher ruiva da barraca de vestidos e pelo açougueiro.

Talvez ela se convença que só imaginou que me viu? Eu corro, me abaixo, paro e me escondo atrás de um grupo de adolescentes até levantar e correr mais um pouco. Não quero voltar para a barraquinha dos Crownies da Cinderela, para o caso de Kayla estar me seguindo. Se for isso, só vou fornecer mais evidências!

Eu me agacho atrás de uma barraca de cookies para recuperar o fôlego. Ela não deve estar me seguindo. Ela nem deve ter me visto. E eu corri para bem longe. Com certeza consegui despistá-la. Sou uma boa espiã.

Eu me levanto com cuidado. Hummm. Esses cookies tem um cheiro muito bom. Eu me pergunto se poderia trocar uma amostra de brownie por uma de cookie. Será?

Quando olho para o balcão, vejo Kayla bem na minha frente, olhando para mim.

— Oi, Abby — diz ela.

Acabou. Kayla vai contar tudo para a mãe. Elas vão nos arrastar para casa, e vão me trancar no sótão com Cinderela e Jonah. E os Crownies da Cinderela terão terminado antes mesmo de terem começado.

— O que está acontecendo aqui? — Quer saber Kayla. — O que são os Crownies da Cinderela?

— São... são... — Tento inventar alguma coisa, mas em vez disso estendo o prato na direção dela.

— Experimente um.

Ela dá de ombros. Depois dá uma mordida. Mastiga.

— Uau — comenta. — Nossa, são ótimos! Como se chamam? Crownies?

— Com licença — pede a mulher dos cookies. — Poderia passar para o outro lado do balcão?

Estamos vendendo cookies aqui, não imitações. Por favor, saia daqui.

Para seu conhecimento, estes são crownies, não imitações de cookies. Dou a volta no balcão até Kayla.

— Sim — digo. — Crownies.

— E Cinderela fez isso? — pergunta ela.

Concordo com a cabeça.

— Estou impressionada! E ela está vendendo esses crownies aqui no mercado?

Fico na dúvida, mas acabo balançando a cabeça de novo.

— Para quê? Ah, já sei. Aposto que ela está tentando ganhar dinheiro para poder se mudar.

Fico de boca aberta.

— Como você sabe disso?

Ela sacode a cabeça.

— Não é fácil conviver com a minha mãe. E minha irmã também não é nenhuma flor. Sei disso muito bem.

Não consigo esconder a surpresa.

— O que quer dizer? Não gosta de morar com elas?

— Eu não tenho escolha. Não posso deixar minha irmã e minha mãe. Mas Cinderela pode. E deve. Elas a tratam como se fosse uma escrava!

— Hum, ela lava a sua roupa também. E cozinha pra você. Faz sua cama. Você também a trata como uma escrava.

As bochechas dela ficam vermelhas.

— Acho que você está certa. Eu não deveria fazer isso. Não tive a intenção. — Ela suspira. — Mas você tem razão. É o que eu faço. Correção. É o que eu *fazia*.

— Não entendo. Como você só percebeu isso agora? Isso acontece há anos!

Ela suspira de novo.

— Vai parecer estranho, mas algo injusto aconteceu comigo recentemente, o que me fez pensar em todas as outras coisas injustas que acontecem o tempo todo.

Fico pensando sobre o que ela deve estar falando. Acho que tem a ver com o que aconteceu com o príncipe.

— Coisas injustas acontecem o tempo todo — digo. — Mas o que tem acontecido com Cinderela é muito injusto.

— Eu sei. — Ela morde o lábio inferior. — Como posso ajudar?

— Quer mesmo ajudar? — Quero acreditar nela. Quero mesmo. Mas e se ela estiver armando pra cima da gente?

— Quero sim. De verdade — responde ela, os olhos bem abertos.

— E sua irmã e sua mãe? Elas estão aqui?

— Não, estou sozinha. Elas me enxotaram. Disseram que eu estava muito emburrada. Me mandaram comprar alguma coisa que me deixasse mais feliz. Comprei sapatos novos. — Ela aponta para a sacola que carrega. — Vou voltar pra casa de carrau, mais tarde.

Eu a encaro de um jeito sério e demorado. Ela parece digna de confiança. Quero acreditar nela. Quero muito. Mas não posso ser ingênua.

— Certo — digo, por fim. — Você pode ajudar.

Darei uma chance a ela, mas ainda assim ficarei de olho.

Talvez, no fim das contas, eu precise é de um daqueles colares de prata assustadores, com um olho verde pendurado.

— Chega mais! Chega mais! — grita Kayla. — Crownies da Cinderela na promoção!

Não posso acreditar: Kayla está vendendo os crownies da Cinderela. E está vendendo vários. Ela tem talento. Até comprou alguns para si — e por um dólar cada! Foi ideia dela voltar com o preço original de um dólar.

Jonah e Cinderela quase tiveram um enfarte quando levei Kayla até a barraquinha, mas garanti que as intenções dela eram boas e até agora não tivemos problemas.

Parece que ela está mesmo mudada. Ainda me sinto mal por vê-la chateada por causa do príncipe. Mas Cinderela e o príncipe foram feitos um para o outro. Não dá pra ficar no meio dessas coisas.

Estou triste por vê-la triste, mas também estou feliz por ver que ela está se tornando uma pessoa melhor. Às vezes as experiências difíceis mudam a gente para melhor. Eu acho.

— Cinderela, os crownies são mesmo muito bons — diz ela.

Cinderela fica vermelha de vergonha.

— Obrigada. Significa muito para mim ouvir você dizer isso.

— Me desculpe por não ser gentil mais vezes. Tenho sido a pior meia-irmã de todos os tempos.

— Bem... — hesita Cinderela.

— Sim — completo para ela. — Você foi mesmo.

— Eu tive tudo tão fácil. E pra você foi tudo tão difícil — continua Kayla. — Me desculpe.

Fico me perguntando se ela se desculparia se soubesse qual era o plano *todo*. Ela só sabe que estamos tentando juntar cem dólares para que Cinderela se mude. Ela não imagina que a meia-irmã quer se mudar para provar para Farrah que pode salvar a si mesma. Não faz ideia de que Cinderela quer se casar com o príncipe, que é justamente o motivo pelo qual Kayla está triste.

— Também não foi assim *tão* fácil para você — diz Cinderela. — Seu pai morreu quando você era bem pequena, e você teve que dividir um quarto com Beatrice, que é extremamente mandona. E sua mãe... bem, sua mãe é muito...

— Malvada? — Eu me meto.

Kayla bufa.

— Esse é o eufemismo do ano. Ela grita com cachorrinhos. Que tipo de pessoa grita com filhotes? Mas pelo menos tenho meu próprio dinheiro. Meu pai deixou uma boa herança para mim e para minha irmã. Não preciso depender de ninguém para nada.

— Ainda assim — insiste Cinderela. — Não deve ser fácil estar no seu lugar.

Aproveito para olhar os pés de Kayla. Ela está usando sapatos pretos e reluzentes. Bonitos, com certeza. Mas também grandes. O pé dela é duas vezes o de Cinderela. Nem comparando com o pé inchado chega perto.

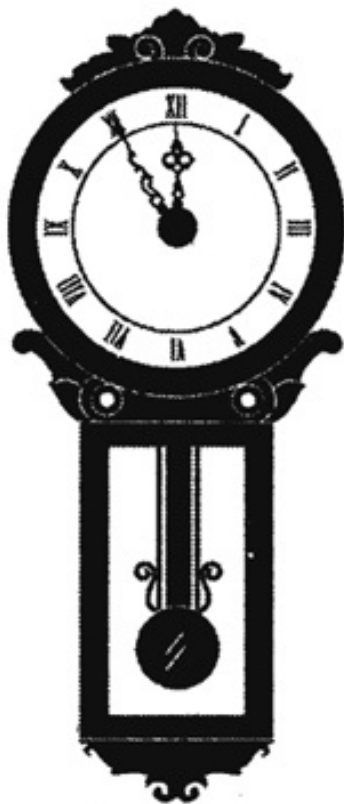
Não, definitivamente o sapatinho de cristal não vai caber no pé dela.

— Preciso de outro crownie — diz Kayla. — Aqui, um dólar.

Entrego a ela um com bastante chocolate.

— Não precisa pagar — digo. — Esse é por conta da casa.

Capítulo dezoito



Continue a cozinhar

Embora a gente tenha conseguido vender quase todos os crownies, só conseguimos trinta dólares. E tivemos que usar dez dólares para comprar ingredientes para fazer mais crownies, então no fim lucramos apenas vinte dólares.

O que quer dizer que teremos que voltar ao mercado amanhã para conseguir mais oitenta dólares. O que parece meio impossível.

Para completar, temos no máximo até meio-dia.

Faço as contas para saber de quanto tempo precisamos para chegar ao mercado e voltar, e fico muito preocupada.

— Você acha que Farrah se encontraria conosco no mercado ao meio-dia? — pergunto.

Cinderela sacode a cabeça.

— Ela parece gostar muito de chaminés e lareiras.

Vamos encurtar a história? À noite, em vez de dormir, nós cozinhamos.

Crownies com pedacinhos de chocolate, blondies — ou clondies, como começamos a chamá-los — e crownies de nozes, embora Jonah continue balançando a cabeça em desaprovação.

No fim, é bom misturar ingredientes durante a noite toda, porque eu não conseguiria dormir de jeito nenhum. Estou nervosa demais. E se o nosso plano não funcionar? Farrah vai achar que falhamos na missão? Ela não vai ajudar Cinderela? Ela não vai ajudar Jonah e eu a voltarmos para casa?

Temos mesmo que voltar pra casa. Tecnicamente, só se passaram alguns dias na terra dos contos de fadas, então é provável que tenham se passado apenas algumas horas em casa.

A palavra-chave nessa frase é: *provável*.

E se eu estiver errada? E se o tempo estiver passando mais rápido em casa? E se já tiverem passado *dias*? E se Farrah não nos ajudar a encontrar o espelho mágico que nos levará de volta para Smithville? E aí?

Aí estaremos presos em Flom... para sempre.

São 7h de terça-feira. Estou passeando pelas diversas barraquinhas do mercado. Jonah e Cinderela chegaram às seis. Eu fiquei em casa para esperar as duas últimas fornadas de crownies esfriarem e aprontar o café da manhã da família postiça de Cinderela.

Mas sabe lá o que pode acontecer quando Betty acordar e perceber que não estamos em casa. Pedimos a Kayla para dizer a ela que tivemos que entregar algumas mensagens. Espero que Kayla não mude de ideia e nos traia.

Quando nos aproximamos da barraca, sinto um frio na barriga. E se as vendas forem piores que ontem? E se ninguém comprar nada? E se não conseguirmos?

Uau. O mercado está bem cheio hoje. E aquela barraquinha logo na entrada? Tem até fila. E a fila dá a volta no quarteirão.

Fico imaginando o que devem estar vendendo.

Quando eu me aproximo da barraca, percebo uma coisa incrível.

As pessoas estão na fila para comprar os Crownies da Cinderela.

Às 9h já tínhamos vendido quarenta crownies.

Às 10h, sessenta e cinco.

Às 11h30 não tínhamos mais crownie nenhum.

Conseguimos cento e vinte dólares.

— Você conseguiu! — comemora Jonah, cumprimentando Cinderela.

Na verdade sobraram seis crownies, mas nos permitimos fazer um lanchinho. É claro que os seis que sobraram tinham nozes, mas isso não impediu Cinderela e Jonah de comer a parte deles. Vou guardar um dos meus para mais tarde.

— Nós conseguimos! — diz Cinderela. — Vocês são incríveis. Eu não poderia ter feito nada disso sem vocês.

Era verdade, embora tecnicamente ela não devesse ter feito nada disso mesmo. Foi culpa nossa ela ter machucado o pé. Mas não precisamos lembrá-la desse detalhe, é claro.

— Você vai se tornar uma princesa! — exclamo, em vez de falar de culpa.

Cinderela guarda o dinheiro em um envelope, que estava comigo em uma das sacolas sobressalentes.

Nós nos abraçamos, para comemorar a vitória, e depois corremos, corremos, corremos para alcançar o carrau.

O grande relógio da sala de estar mostra que são 11h45 quando abrimos a porta da frente. Só temos quinze minutos para chamar Farrah!

— Onde vocês estavam? — solta Betty, assim que entramos. — O assessor do príncipe está a caminho e precisei preparar o chá com as minhas próprias mãos!

Ah, não! Não quero irritar Betty. E se ela der um jeito de estragar nosso plano?

— Estávamos no mercado — diz Cinderela.

— Fazendo o quê? — grunhe Betty.

— Comprando o que preciso para o jantar. — E é verdade. Cinderela comprou uma carne assada do açougueiro para mais tarde. Betty tem conta lá, então ele só anotou.

Mas, se tudo der certo até a hora do jantar, Cinderela não vai precisar preparar nada. Porque será a noiva do príncipe!

Betty olha para Cinderela, desconfiada.

— Só precisamos de um banho — diz ela. — Aí vamos preparar o almoço.

— E *eu* preciso que você termine de preparar o chá e o bolo para a comitiva do príncipe. Soube que eles estão a apenas algumas casas daqui. Devem chegar em uma hora. Você precisa se apressar. Beatrice e Kayla estão se arrumando enquanto conversamos.

— Já vamos descer — diz Cinderela, alegre.

São 11h50.

Jonah e eu subimos as escadas correndo, e Cinderela vem mancando atrás. Passamos pelo quarto de Kayla e Beatrice no caminho. A porta está aberta, então dou uma olhada lá dentro.

— Cinderela! — grita Beatrice. — Me ajude!

— Agora eu não posso — responde Cinderela, fazendo um sinal de positivo para Kayla.

Subimos até o sótão. E fechamos a porta.

Cinderela dá uma batida na chaminé.

— Farrah? Você está aí?

Meu coração acelera. Espero que isso dê certo. TEM que dar certo.

Uma fagulha amarela surge. Lá vamos nós.

Capítulo dezenove



É agora ou nunca

— Então... — começa Farrah, girando a varinha de condão entre os dedos como se fosse um bastão de animadora de torcida. — Como estão vocês?

— Ela se saiu muito bem! — digo, mas logo penso se deveria ter deixado Cinderela falar. Alguém que pode andar com os próprios pés definitivamente sabe usar a própria língua, certo? — Vou deixar ela contar.

Farrah concorda com a cabeça.

— Boa ideia.

Cinderela dá um passo à frente.

— Decidimos que eu precisava de um emprego para poder pagar por um apartamento. E Jonah... quero dizer, *nós* encontramos um lugar ótimo que custa cem dólares por mês. Você disse que, se eu conseguisse provar que era capaz de salvar a mim mesma, consertaria o meu pé. E, se você consertar meu pé, ele vai caber no sapatinho de cristal como Abby disse que deveria acontecer. Então comecei uma empresa chamada Crownies da Cinderela para ganhar cem dólares e poder pagar pelo apartamento.

— O que é um crownie? — pergunta Farrah.

Jonah revira os olhos.

— O nome verdadeiro é brownie. Mas minha irmã é esquisita.

— Crownies são bolinhos quadrados — explica Cinderela. — Assei vários deles, e depois os vendemos no mercado. Eu gostei muito de fazê-los e de vendê-los, e conseguimos cento e vinte e dólares. O que é suficiente para...

— Alugar um apartamento! — guincho. Desculpe. Mas não sou muito boa em me controlar. — E isso prova que ela pode andar com os próprios pés! Ela é autossuficiente! Ela é, é mesmo!

— Isso! — diz Cinderela.

Farrah assente.

— Estou impressionada. Você pode pagar pelo seu próprio apartamento? Isso prova mesmo que você não é apenas uma donzela em apuros. Talvez você seja uma boa companheira para o príncipe, no fim das contas.

— Viva! — comemoro. — E, Farrah, não que eu não esteja concentrada no problema da Cinderela, mas precisamos muito conversar sobre encontrar aquele espelho mágico.

Ela sorri.

— Vamos cuidar da Cinderela primeiro, pode ser?

Ela levanta a varinha. Faz três círculos no ar. E então manda um feitiço na direção da mesa. O sapatinho de cristal que estava quebrado reaparece inteirinho em uma nuvem brilhante. Oh, viva! Ela o consertou!

— E agora o seu pé — diz ela.

Sim, sim, sim. Tudo vai dar certo. Viva!

A porta se abre com um estrondo.

— Não tão depressa. Parem o que quer que estejam fazendo.

Betty! O que ela está fazendo aqui? Beatrice está atrás dela. Beatrice e...

Kayla.

— Viu, Kayla? — pergunta Beatrice, apontando para o sapatinho de cristal em cima da mesa. — Eu disse que ela era a garota misteriosa do baile. Ela roubou seu príncipe!

— E como você descobriu? — pergunta Cinderela.

— Não foi difícil — diz Beatrice. — E sou muito boa em ouvir conversas. E vocês não falam exatamente baixo.

Os olhos de Kayla se enchem de lágrimas.

— Eu não entendo. Pensei que você estivesse tentando juntar cem dólares para se mudar.

— Tecnicamente, ela estava tentando juntar o dinheiro para me provar que era merecedora do príncipe — diz Farrah.

— Você mentiu pra mim — exclama Kayla, fazendo um bico triste. — E roubou meu príncipe!

— Desculpe, Kayla — retruca Cinderela. — Mas ele nunca foi o *seu* príncipe. Se ele fosse o seu príncipe, ele não teria passado as duas noites dançando comigo.

— Mas ele gostou de mim! Eu sei que ele gostou... — A voz de Kayla falha. Ela avança o queixo trêmulo na direção de Cinderela. — Não acredito que ajudei você! Sua ladra de príncipes!

Betty dá um sorriso bem malévolo.

— Não se preocupe, Kayla. Cinderela não vai se casar com o príncipe. Ela não conseguiu juntar os cem dólares.

— Conseguiu, sim. Está bem aqui. — Puxo o envelope com o dinheiro. — Viu? Tem o suficiente aqui para o apartamento e ainda sobram vinte dólares.

— Vamos ver se é isso mesmo, pode ser? — Betty caminha na minha direção. — Me diga uma coisa: quem pagou pelos ingredientes que Cinderela usou para fazer os crownies?

— Compramos os ingredientes para a segunda fornada no mercado — diz Jonah.

Betty levante uma sobrancelha.

— E os da primeira fornada?

— Encontramos os ingredientes na casa — digo, com a voz trêmula.

— Então quer dizer que usaram os *meus* ingredientes para os *seus* crownies. Sem a minha permissão. O que, até onde eu sei, é roubo. Não sei o tipo de lei que vocês têm em Smithville, mas aqui em Flom roubar é crime. — Ela dá uma risada. — Esqueça o porão. Logo, logo você vai descobrir como é estar em uma cela de prisão.

— Pegue vinte dólares — diz Cinderela, mais do que depressa. — Assim estaremos quites.

— Estaremos? — pergunta Betty. — Vinte dólares não me parecem o suficiente para cobrir os ingredientes que você roubou. E o papel que usou para os cartazes? E a tábua de passar que usou como mesa? Eu diria que você me deve, incluindo multas e juros... — Ela finge estar pensando mesmo naquilo. — Quanto mesmo que você disse que lucrou? Cento de vinte dólares? Eu diria que você me deve cento e trinta dólares. — A boca da madrasta se retorce em um sorriso cruel. — Ah. Você não tem isso tudo. Que pena. Acho que isso quer dizer que você e seus amiguinhos de Smithville vão para a cadeia.

— Mãe, não! — grita Beatrice.

Será possível. Eu tinha entendido tudo errado? Beatrice é a irmã legal, e Kayla, a malvada?

— Se todos eles forem presos — lamenta Beatrice —, quem vai cozinhar e lavar a roupa?

Betty sorri.

— Pense, Beatrice. Se você ou sua irmã se casarem com o príncipe, seja quem for, levará a mim e sua irmã para o palácio, certo?

Beatrice concorda com a cabeça.

— É claro.

— Então cada uma de nós terá a própria empregada para cuidar das coisas. Quem vai precisar de Cinderela?

Sinto um aperto no peito. E me viro para Farrah.

— Você pode impedi-la? Ela está sendo ridícula!

Farrah nega com a cabeça.

— Ela é a dona da casa. Cinderela deveria ter pedido antes de usar as coisas. Não há nada que eu possa fazer.

— A escolha é sua — diz Betty, com uma cara feia. — Cento e trinta dólares... ou a cadeia!

Eu lanço um olhar suplicante para Kayla.

— Sei que você está zangada, mas não pode convencê-las a pegar leve? Você se lembra de como se sentiu por tratar Cinderela mal por tanto tempo? Você não mudou nem um pouquinho?

Os lábios de Kayla tremem, mas ela inspira profundamente.

— Mãe — diz, por fim. — Você não está sendo justa. Cinderela não sabia que estava roubando. Ela mora aqui, você sabe bem disso. Ela só pensou que as coisas também fossem dela.

— Bem, as coisas não eram dela. E agora ela precisa pagar — devolve Betty.

Dou outra olhada suplicante para Kayla.

— Sei que você não acha justo que Cinderela se case com o príncipe — digo. — Mas o modo como a tem tratado desde que ela tem 12 anos é MUITO MAIS injusto. Você deve isso a ela, ajude-a. Sabe que é verdade.

A expressão de Kayla murcha.

— Eu sei, eu sei. Mãe, eu te dou os cento e trinta dólares, certo? Só não mande a Cinderela para a cadeia. Ela já sofreu o bastante.

— Desculpe — interrompe Farrah. — Mas isso quebra as regras.

Eu e Cinderela trocamos um olhar.

— Que regras? — pergunta ela.

Farrah franze a testa.

— As regras sobre ser autossuficiente. Se Kayla lhe der o dinheiro, ela estará salvando Cinderela. Vocês não ouviram nada do que eu disse? Cinderela precisa provar que é autossuficiente. Essa é a questão.

— Viu? — diz Betty. — Até essa mulher fada magrela concorda comigo. Acho que é a hora de ligar para a polícia.

Espere aí.

— Vocês têm um telefone?

Posso ligar pra casa?

— Telefone! Crownies! Vocês estão inventando palavras só para me confundir?

Acho que a resposta é não.

Espera. Ela disse crownies? Ah, ah, ah!

— Farrah — começo, bem devagar. — Se Cinderela conseguir o dinheiro para pagar o que deve a Betty, provará que é autossuficiente?

— E como é que eu vou ganhar o dinheiro? — pergunta Cinderela. — Não tenho ingredientes para fazer mais crownies e nem tenho dinheiro para comprá-los. E, mesmo que eu tivesse, estamos quase sem tempo! O assessor do príncipe vai chegar a qualquer instante!

Alcanço minha bolsa e pego o último crownie.

— Você ainda pode vender um crownie. Kayla, por favor, por favor, por favor. Você estaria interessada em comprar esse crownie por cento e trinta dólares? — Eu me viro para Kayla e prendo a respiração. De que lado ela vai ficar?

— Ela não está interessada — corta Betty.

As bochechas de Kayla ficam vermelhas.

— Na verdade, mamãe, estou interessada, sim.

— É sério? — pergunta Jonah. — Você sabe que esse é de nozes, né?

— Não acredito que você trairia sua própria mãe — rosna Betty para Kayla.

— Desculpe, mamãe, não quero trair você. Só quero compensar alguns dos últimos anos para Cinderela.

Farrah olha para o relógio.

— Cinco... quatro... três... dois... um... Você conseguiu! Estou muito impressionada!

— Não tão depressa, fada-monstro — interrompe Betty. — Está vendo algum dinheiro na minha mão? Não. Cinderela vai para a cadeia.

— Hum, na verdade... na condição de advogada de Cinderela... As negociações terminaram no prazo, portanto eu diria que ela está liberada. Certo, Farrah?

Em resposta, Farrah levanta a varinha, aponta para o pé de Cinderela e zapt! Uma nuvem brilhante surge, e, bem diante de nossos olhos, o pé de Cinderela volta ao tamanho pré-marshmallow. Está normal!

— Estou curada! — exclama Cinderela, mexendo os dedinhos do pé. — Obrigada, Farrah.

— E vocês dois... — diz Farrah, olhando para mim e para Jonah. — Chegou a hora de contar como podem voltar para casa.

— Sério? — pergunto.

— Sério — responde ela, girando a varinha entre os dedos. — O portal, na verdade...

Ela é interrompida por um barulho na porta da frente.

Jonah corre até a janela.

— Tem uma carruagem lá fora! Deve ser o assessor do príncipe!

— Segurem-na! — Ouço alguém gritar.

Quando vejo, Beatrice pulou nas costas de Farrah e a varinha saiu voando da mão da fada. Beatrice e Farrah caem no chão, e a varinha sai rolando pelo chão.

Betty chuta a varinha para longe.

— Onde estávamos mesmo?

Capítulo vinte



Squeak

— Devolva isso agora mesmo — ordena Farrah.

O sorriso assustador e malvado de Betty está lá de novo.

— Acho que não. Vamos ver... Agora que o poder é meu, o que devo fazer com ele?

— Imagino que você vá abusar do poder que tem — comenta Cinderela, irônica.

Betty se vira para Cinderela e lança um feitiço na direção dela.

Há um clarão amarelo brilhante, e Cinderela começa a encolher. Ela fica menor, menor e ainda menor. Então fica cinza. E com rabo.

— Legal — comenta Betty. — Devo ter apertado o botão que cria ratinhos.

Ai. Meu. Deus. Ela transformou Cinderela em um camundongo. Um camundongo bem pequenininho, com roupas bem pequenininhas.

— Pare com isso! — manda Farrah, as mãos nos quadris.

Betty só ri e se vira para Jonah.

— Não se atreva — grito, e me jogo na frente do meu irmão. Zap! Luz!

Vejo só amarelo, até que de repente... zoom! De uma hora para outra o quarto aumentou de tamanho. Eu me sinto enjoada. É como se eu estivesse em um carrossel radical. E então... bum! Estou de bunda no chão e com as pernas para cima.

Só que essas não são as minhas pernas.

São pernas finas como um galho. E cinzentas. E eu tenho um rabo.

Sou um camundongo.

ARRRRGGGGHHHHHH!

Olho para Jonah.

Ele também é um camundongo. Um bebê camundongo de camiseta vermelha e jeans. Um bebê camundongo que, nesse momento, está tentando pegar o próprio rabo.

— Atchooom! — espirra a Cinderela camundongo.

Tento dizer “saúde”, mas em vez disso sai um “squeak”.

— Me devolva essa varinha agora mesmo! — manda Farrah, em tom de ameaça, dando um passo na direção da madrasta.

Betty vira a varinha na direção de Farrah.

— Acho que não! — Zap! Luz!

Farrah grita à medida que encolhe e fica verde e escamosa.

— Um botão para lagartos! — comenta Betty, alegremente. — Essa coisinha é fantástica!

O que vamos fazer? Farrah é um lagarto de blusa amarela e leggings! E nós somos camundongos! E se ficarmos assim para sempre? Mesmo que a Farrah lagarto nos mostre como voltamos para casa, não podemos chegar em Smithville como camundongos! Meus pais nunca vão saber que somos nós! Eles vão nos caçar com armadilhas, vão nos machucar e nunca vão saber que éramos nós!

Ouvimos outra batida na porta.

— Tem alguém em casa? — pergunta uma voz.

— Mamãe, transforme-os em humanos de novo agora mesmo! — ordena Kayla.

— Desculpe, querida, não ouvi o que você disse. Foi *squeak*? — Depois disso ela aponta a varinha para Kayla e lança um feitiço nela também.

Isso é loucura. Betty transformou a própria filha em um camundongo! Um camundongo grande, gordo, marrom e com dentes afiados. Espera um pouquinho. Ela é uma...

— Você é um ratazana! Que conveniente — rosna Betty. Ela sorri e depois grita para as escadas: — Estou indo! — Então se vira para Beatrice. — Prioridades. Vamos mudar o tamanho do seu pé. — Ela aponta a varinha para o pé da filha e lança um feitiço nele.

Ele realmente muda de tamanho. Cresce. E cresce mais um pouco. Incha até o tamanho de uma bola de basquete. E então fica laranja. É uma abóbora!

— Mãe! — grita Beatrice.

— Desculpe, desculpe. Um minutinho. — Betty tira os óculos de leitura do bolso e analisa a varinha. — Aha! Achei! Botão de reduzir. — Ela lança outro feitiço no pé esquerdo de Beatrice, e ele volta ao tamanho e cor normais. Então ela lança mais um, e ele encolhe ainda mais. Faz o mesmo no pé direito. — Isso deve servir. Querida, pode, por favor, pegar o sapatinho?

— Com prazer — responde Beatrice, e então cacareja uma risada.

— Estou indo! — avisa Betty outra vez, e mãe e filha descem as escadas depois de fechar a porta do sótão onde estamos.

— Squuuueeeaaaak! — grito. Que na verdade quer dizer “Temos que segui-las”.

— Squeak — respondem Cinderela e Kayla ao mesmo tempo.

— Squinço — diz meu irmão, animado, o que acho que quer dizer “feitiço”.

Corremos todos para a porta. Hum. Temos um probleminha. Somos pequenos demais para alcançar a maçaneta. E agora?

— Squeak — repete Jonah e segue até a porta para tentar se espremer por baixo dela.

Ah, não. E se ele ficar preso? Mas ele não fica. Passa direto por baixo da porta. Camundongos são bem flexíveis. Também me espremo para passar. Cinderela vai em seguida. E Kayla. Depois Farrah. Acho que ratazanas e lagartos também são flexíveis.

Conseguimos! Todos me seguem escada abaixo até a sala de estar.

Betty está parada perto do sofá. As mãos atrás do corpo segurando o sapatinho de cristal que Farrah consertou. Beatrice estica o pé para a frente enquanto o assessor do príncipe se ajoelha com o outro sapatinho.

E o príncipe. Eu não esperava que ele estivesse aqui também, mas o príncipe está sentado na namorada e parece bem nobre e principesco com seu manto muito roxo.

— Squeak!!! — grita Kayla, a rata.

— Muito obrigado pelo chá — diz o príncipe. — Foi muita gentileza de sua parte.

— Tenho certeza de que todos estão cobrindo vossa alteza de agrados — responde Betty.

O assessor concorda com a cabeça.

— A última casa pela qual passamos nos ofereceu uns bolinhos deliciosos. São chamados de crownies, pelo que me disseram. Crownies da Cinderela. Eles os compraram no mercado. Você já experimentou?

— São deliciosos — diz o príncipe.

Betty solta um grunhido.

— Ouvi dizer que esfarelam demais.

Cinderela solta outro *squeak*.

Espere aí. Esse assessor parece familiar. Ele é magrelo e tem um cavanhaque. É o sujeito que guardava os casacos! Acho que ele foi promovido. Muito bem!

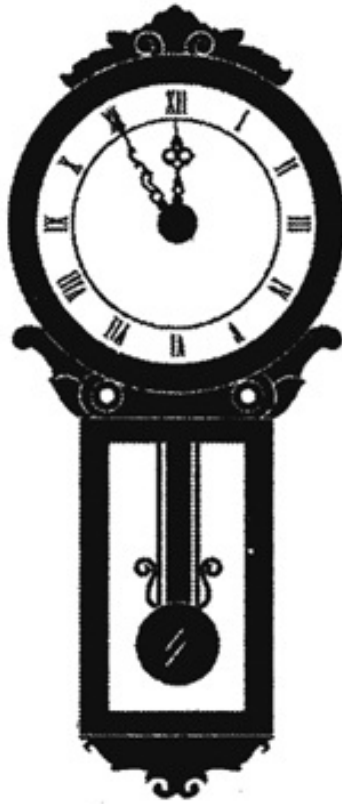
— Chegou a hora do sapatinho — diz o sujeito. Ele leva o sapatinho de cristal até o pé esquerdo de Beatrice.

Por favor, não pode caber. Por favor. Por favor.

Mas cabe.

Que ruim.

Capítulo vinte e um



No relógio

— Príncipe Jordan — diz o sujeito de cavanhaque. — Diga olá para a sua noiva.

Não, não, não! Precisamos fazer algo para impedir isso!

Beatrice desliza o pé direito para o outro sapatinho e simula uma dancinha da vitória com os ombros.

O príncipe sorri quando se aproxima dela.

— Olá, hum... qual o seu nome mesmo?

Beatrice faz uma reverência e depois se empertiga.

— Beatrice.

— Você é bem mais alta do que eu me lembrava — diz ele, parecendo perplexo.

— É sua imaginação — retruca Betty. Ela coloca a varinha atrás da orelha como se fosse um lápis. Isso é jeito de se tratar uma varinha? Com certeza não.

Kayla, a ratazana, sobe depressa pelo sofá, pula no colo da irmã e tenta mordê-la.

— Mãe, nós precisamos mesmo dedetizar este lugar — reclama Beatrice, empurrando a irmã para o chão.

E *nós* precisamos muito pegar essa varinha de volta. Corro pela sala e avalio a situação. Um sofá, uma namoradeira, uma lareira, um lustre e um enorme relógio de pé. Preciso pular em Betty de cima se quiser roubar a varinha. Se eu conseguisse chegar ao lustre, talvez pudesse... pular na cabeça dela? Mas como vou chegar ao lustre? Tenho certeza de que camundongos não voam.

Ainda assim, se os contos de fadas me ensinaram alguma coisa, é que camundongos podem entrar em um relógio. Pelo menos nas cantigas de ninar.

Tá bom, tecnicamente não é uma teoria comprovada, mas vale a pena tentar.

Posso fazer isso. Sigo depressa para a saliência na parte de baixo do relógio e entro. É mais fácil do que pensei. Uso minhas unhas minúsculas para rastejar e subir até o topo em poucos segundos. Rá! E dizem que o *tempo* voa!

Aqui estou eu. No alto do relógio. Mas... e agora?

O lustre está longe demais para alcançar com um pulo. Preciso que Betty dê alguns passos para trás. Vamos lá, Betty, se mexa!

Jonah olha para cima e me vê.

— Squeak? — pergunta, o que eu interpreto ser “O que você está fazendo aí em cima?”

Eu responderia, mas não quero chamar atenção. Em vez disso, uso minhas minúsculas mãos de camundongo e faço uma mímica, tentando dizer a ele o que fazer.

Até agora não fui bem-sucedida com mímicas ou gestos, mas dessa vez rolou. Jonah parece entender, porque de repente vai de encontro ao sapato de Betty como se fosse um carrinho bate-bate.

Ela dá um passo para trás. Vai, Jonah, vai!

Pow!

Passo para trás.

Quase lá...

Pow!

Só que ela está ficando irritada. Betty levanta o pé e — não! — dá um chute em Jonah com o bico do sapato, fazendo com que ele saia voando até o outro lado da sala. Ele dá uma cambalhota no ar e aterrissa na lareira.

Ei, esse aí que você chutou é o meu irmão!

— Squeoonahhhh — grito, e, antes que eu perceba, estou voando que nem um Super-rato, direto até a cabeça de Betty.

Poft.

— O que... — começa Betty.

Antes de ela perceber o que está acontecendo, pego a varinha com meus dedinhos rechonchudos de camundongo e a tiro da orelha de Betty.

Agora eu e a varinha estamos prestes a colidir com o chão.

Capítulo vinte e dois



Kabum

Aiuiuiuiuiui!

O chão se aproxima depressa, e seguro a varinha com firmeza. Aterrissamos com um bum e algum brilho mágico.

Viva!

— Sim, definitivamente precisamos dedetizar — grunhe Betty, se abaixando para pegar a varinha com uma expressão medonha no rosto.

Não, não, não! Ela não vai conseguir pegar isto aqui outra vez. Seguro a varinha com a boca e corro, corro, corro na direção da Farrah lagarto, que está ajudando Jonah a sair da lareira. Ele está coberto de cinzas, mas está bem.

— Eu pego — diz o sujeito com cavanhaque, e vem atrás de mim.

De onde estou até Farrah é uma linha reta. Só preciso correr. Talvez debandar seja a palavra adequada.

— Apenas pise na coisa — diz Betty, fazendo meus pelos arrepiarem, e então corro ainda mais depressa.

Mas então... opa!

Meu rabo. O homem de cavanhaque prendeu o meu rabo! E está me puxando pelo rabo!

Meus pezinhos estão suspensos no ar e percebo que tenho uma única chance. Reúno toda a força que tenho e jogo a varinha para a frente com força, lançando-a no ar até derrapar pelo chão.

— O camundongo está usando um vestido? — pergunta o homem de cavanhaque.

Betty está ocupada demais correndo até a varinha para responder.

Levanto o pescoço para ver que a varinha rola depressa até Farrah e a lareira. E... dá certo! A fada-lagarto pula para alcançá-la!

Há um clarão amarelo brilhante, e Farrah volta ao tamanho normal.

O homem de cavanhaque engasga e me solta, e despenco no chão outra vez. Ai. Estou cansada de cair assim.

— Farrah, é você? — pergunta Jordan.

— Olá, Jordan — responde a fada. — Que bom vê-lo outra vez. Você parece bem.

Ela segura a varinha no alto e gira, gira, gira. Um brilho amarelo voa pela sala.

Tudo se transforma de uma vez. Sinto que estou no carrossel radical de novo, esticando, esticando, esticando até que olho para minhas pernas e vejo que não sou mais Abby-camundongo.

Sou Abby-humana outra vez.

Viva!

Jonah e Cinderela também se transformaram.

Viva, viva!

Então ouço o som de cristal se quebrando.

— AAAAAAAAAAAAAAI! — grita Beatrice.

O pé dela dobrou de tamanho, e os sapatinhos de cristal se quebraram devido à pressão.

— Essa não é a garota com quem dancei — diz o príncipe. — Acho que estão tentando me enganar. O sapatinho não serve. Nenhum dos dois serve! Vamos, Gary, estamos de saída.

— Não, espere — pede Betty, uma expressão de loucura no olhar. — Tenho outra filha com quem pode se casar. Ela está por aqui em algum lugar...

— Mãe, estou bem aqui — diz Kayla, voltando à forma humana.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? — pede o príncipe.

— Com prazer — digo. — Você tem razão. Beatrice não é a garota que dançou com você no baile.

A mãe dela roubou a varinha de Farrah, nos transformou em animais e lançou um feitiço no pé da filha para que ele coubesse no sapatinho de cristal.

— Então de quem é o sapatinho? — Ele olha para Kayla. — É seu? Eu conheço *você*. Conversamos no baile, não foi? Você me fez rir.

Ela hesita, mas acaba concordando com a cabeça.

— Sim, eu fiz isso — responde. — Mas não. — Ela mostra os pés. — Meus pés são tamanho 38! Não tem a menor chance de caber nesse sapatinho tão pequeno.

O príncipe parece desapontado.

— Mas então quem...

— São da Cinderela! — grita Jonah, apontando para a menina.

Ele se vira para ela.

— Você?

Cinderela assente, nervosa.

— Deixe-me consertar os sapatinhos com um feitiço e verá — diz Farrah. Ela balança a varinha na direção dos sapatinhos, envolvendo-os em uma nuvem amarela brilhante. — Pronto. Experimente-os,

querida. Você fez por merecer.

— Mas, mas, mas... — gagueja Beatrice.

— Nada disso — digo. — Agora, por favor, saia da frente do final feliz de Cinderela.

Beatrice solta um sonoro *humpf* e tenta seguir a mãe, que devagarzinho se encaminha para a porta.

— Por que vocês duas não vão passear por um tempo? — pergunta Farrah, mandando um feitiço

brilhante naquela direção.

No mesmo instante elas se transformam em dois pequenos pássaros. Dois passarinhos numa gaiola.

Dois passarinhos numa gaiola e com vestidos cinzentos enfadonhos.

O príncipe se vira para Cinderela.

— Olá de novo — diz.

— Oi — responde ela, com a voz suave.

— Pronta para experimentar o sapatinho?

Cinderela suspira e se senta no sofá. Ela tira os mocassins velhos.

— Vamos logo com isso.

Ele pega o primeiro sapatinho, que encaixa perfeitamente no pé dela. Pega o segundo, e o mesmo acontece.

— Viva! — comemoramos.

Eu e Jonah fazemos um high-five.

Farrah sorri.

Até mesmo Kayla diz “Parabéns, estou feliz por vocês”, embora tenha uma expressão de tristeza no rosto.

O príncipe pega Cinderela pela mão e a coloca de pé. Ele se ajoelha.

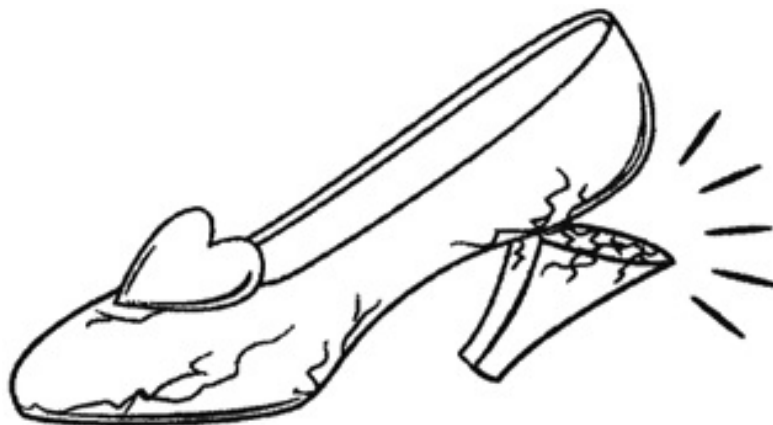
— Cinderela, você me daria a honra de ser minha esposa?

Finalmente! Deu tudo certo! A história pode seguir como o planejado! Salvamos o dia!

Cinderela olha do príncipe Jordan para Kayla. Depois de novo para o príncipe, de novo para Kayla e então para os sapatinhos de cristal.

— Príncipe Jordan, me desculpe, mas... — Ela inspira profundamente. — Não.

Capítulo vinte e três



Oi?

Todos ficam pasmos.

Jonah cutuca meu braço.

— Abby, por que ela disse não? Não deveria dizer sim?

— Eu não sei — respondo. E não sei mesmo. O que foi que acabou de acontecer?

Cinderela se senta de novo e tira os sapatinhos.

— Eu sinto muito — diz. — Há dois dias, não havia nada que eu quisesse mais no mundo do que me casar com você. Queria que você me salvasse. Mas, desde o baile, aprendi a andar com meus próprios pés e a ganhar meu próprio dinheiro. E agora tudo é diferente. Eu amo fazer crownies. Quero ter minha própria casa. E não amo você de verdade... não da forma como Kayla ama. Você merece alguém que te ame pelos motivos certos. Todos merecem.

Olhamos para o príncipe para saber qual será sua reação. Eu meio que espero que ele fique com raiva. Ou perplexo. Mas o que eu vejo em vez disso me surpreende.

Ele parece aliviado.

— Para ser sincero, foi meu pai que se encantou por você — diz ele. — Não que você não seja bonita. Você é. Mas eu realmente gostei do tempo que passei com... — Ele se vira para Kayla. — Desculpe, qual é mesmo o seu nome?

Kayla solta um squeak. Não, ela não é um rato de novo. Só está entusiasmada.

— Kayla — responde, finalmente.

Ele sorri para ela.

— Secretamente, eu esperava que o sapatinho servisse em você. Não em Cinderela. — Ele olha para Cinderela. — Sem querer ofender, tá?

— Tudo bem — responde Cinderela.

— Isso é maravilhoso — diz Farrah. — Estou tão feliz por vocês três!

É um super final feliz. Diferente do fim da história original, mas gosto dele mesmo assim.

O príncipe Jordan hesita.

— Mas... eu já emiti uma declaração oficial que a nova princesa seria quem tivesse conseguido calçar o sapatinho. Não posso desfazer isso.

Não, não, não, não. Esse final feliz tem que acontecer.

— Talvez você não possa desfazer — digo. — Mas eu posso. — Pego os dois sapatinhos e jogo contra a lareira de pedra, estilhaçando-os em mil pedacinhos. — Ops.

— Viva! — comemora Jonah. — Adeus sapatinhos. Acho que Kayla não pode experimentá-los, agora.

— Sabe que eu posso consertá-los — lembra Farrah.

Olhamos para ela segurando a respiração.

Ela sorri.

— É claro que, se eu fizer isso, não posso garantir que vão ficar com o mesmo tamanho que tinham antes.

— Sendo assim — diz o príncipe. — Declaro oficialmente que o teste do sapatinho não tem mais validade, já que é tão impreciso. — Ele fica de joelhos outra vez. — Kayla, você me daria a honra de ser minha esposa?

— Sim — diz ela, enquanto uma lágrima escorre por sua bochecha.

Viva!

— Não é romântico? — diz o homem de cavanhaque. Percebo que ele observa Cinderela.

— É — responde ela, com um sorriso tímido.

— Gostei muitos dos seus crownies — comenta ele. — A propósito, meu nome é Gary.

— Obrigada. Sou Cinderela.

— Terei que ir à sua loja para comprar alguns.

— Seria ótimo — responde ela, e depois... pisca?

Cinderela e Gary, o homem de cavanhaque? Quem poderia imaginar?

Farrah põe a mão em meu ombro.

— Acho que chegou a hora de você e seu irmão irem embora.

— Sim, por favor — respondo. — Pode nos dizer onde está o espelho mágico?

— Abby — começa Jonah. — Abby, eu acho que...

— Agora não, Jonah — digo. — Ela está tentando nos levar para casa.

— Mas, Abby...

— Jonah, espere um pouco, por favor. Farrah? O espelho?

Farrah sacode a cabeça.

— Não há espelho mágico aqui.

— Não diga isso. — Sinto o pânico me dominar. — É claro que eu gosto de Flom, mas precisamos ir para casa! Eu nem tenho certeza de que horas são em casa.

— Abby — chama Jonah, mais enfaticamente. — Eu sei como podemos ir para casa.

Eu me viro para ele.

— Você sabe?

— Sim.

— Como?

— A lareira!

Olho da lareira para ele.

— Ficou maluco?

— Não! É verdade! Quando caí lá dentro, tenho certeza que ouvi um assovio.

— Não pode ser! — digo.

Viro para Farrah para que ela confirme que ele está maluco, mas percebo que ela está assentindo.

— É assim? — pergunto.

— É assim — confirma ela.

— Mas como?

— Fadas podem enfeitiçar objetos e lugares diferentes. Não precisa ser sempre um espelho.

Eu a encaro, tentando entender o que acabou de dizer.

— Está tentando dizer que Maryrose é uma fada?

— Claro que ela é uma fada! Como poderia enfeitiçar o espelho do seu porão se não fosse? Ela não disse a vocês que era uma fada?

Balançamos a cabeça em negativa.

— Oh. Ops. É muito misteriosa essa Maryrose. Então, vocês querem voltar para casa ou não?

Fazemos que sim com a cabeça.

— Vamos fazer isso então! — diz Farrah. — Tenho coisas a fazer, lugares para ir... sabem como é.

— Talvez seja melhor varrer a lareira primeiro. Está cheia de vidro — digo.

— Eu faço isso — oferece Cinderela.

— Não se preocupe — diz Jonah, indo pegar a vassoura. — Eu cuido disso.

Nunca mais vamos sair daqui.

Quando estamos prontos, damos um abraço bem apertado ao nos despedirmos de Cinderela e de Kayla. Cumprimentamos o Príncipe Jordan e Gary, o homem de cavanhaque.

— O que vai fazer com Betty e Beatrice? — pergunto para Farrah.

Ela franze a testa.

— Acho que devo transformá-las logo em humanas antes que se biquem até a morte. Mas você decide, Kayla.

— Tudo bem — diz Kayla. — Transforme-as. Mas só daqui a mais ou menos uma hora. Você pode fazer isso a distância, não pode? Até lá eu e Cinderela já teremos ido embora. Elas definitivamente não irão morar no palácio comigo. — Ela se vira para Cinderela. — Você não se incomodaria se eu ficasse na sua casa nova até o casamento, não é?

— É claro que não — responde Cinderela.

— Eu limpo a casa — diz Kayla.

— E eu cozinho — completa Cinderela. — Desde a minha experiência como um rato, estou morrendo de vontade de comer macarrão com queijo. Ou pizza de quatro queijos. Na verdade, qualquer coisa com queijo.

— E o que precisamos fazer? — pergunta Jonah, para Farrah. — Preciso bater?

— Não precisa — responde Farrah. — Já sabemos onde estão. Só precisam entrar na lareira e me dizer quando estiverem prontos.

Acenamos e depois entramos na lareira. Percebo que há uma fada — e com asas — gravada na pedra. O espelho mágico na casa de Branca de Neve tinha uma também, não tinha?

— Estamos prontos! — anuncia Jonah.

Há um clarão amarelo, e, quando me dou conta, somos sugados para dentro da chaminé.

Capítulo vinte e quatro



Lar, doce lar

Subimos pela chaminé e saímos no espelho do porão da nossa casa.

— Ai — reclamo. — Isso dói. Você está bem?

Jonah já está se levantando.

— Estou ótimo. Isso foi tão divertido! Podemos voltar lá de novo?

— Agora?

— Estou bem acordado — diz. — São duas da tarde em Flom.

— Na nossa última viagem, um dia na terra dos contos de fadas era equivalente a uma hora daqui.

Isso quer dizer que agora são mais ou menos duas da manhã. Devíamos ir dormir.

Mas primeiro eu me viro de novo para o espelho silencioso.

— Maryrose? Você está aí? Podemos conversar? Adoraríamos saber por que você fica nos mandando para contos de fadas diferentes.

Nenhuma resposta.

— Talvez amanhã — diz Jonah.

Eu reviro os olhos.

— Por que a gente fica voltando se ela nem quer nos explicar o que está acontecendo?

— Porque é divertido — responde Jonah. — E uma hora ela vai explicar. Vai precisar explicar.

Subimos as escadas, e dou uma olhada no relógio do micro-ondas. Espere um instantinho.

— Não são duas da manhã. São *seis* da manhã!

Ele fica de olhos arregalados.

— Essa foi por pouco! Mamãe e papai acordam daqui a uma hora!

Eu não entendo. Da última vez, cada dia na terra dos contos de fadas equivalia a uma hora no nosso mundo. Dessa vez, ficamos fora por quase três dias, o que significa... sessenta e seis horas na terra dos contos de fadas. Essa conta não fecha!

— Acho que o tempo depende da história — comenta Jonah.

— Acho que sim.

— Da próxima vez, traga o seu relógio — pede ele.

— Que próxima vez? Concordei com uma próxima vez?

Ele assente com um ar de sabedoria.

— Haverá uma próxima vez.

Subimos as escadas até o último andar e abrimos a porta do quarto dos meus pais com cuidado para dar uma espiada. *Crec*.

— Shhh — sussurro, mas eles não se mexem.

— Não se preocupe — diz Jonah. — Eles não vão acordar. Estão realmente cansados.

— Eles têm trabalhado muito — digo.

De repente me sinto culpada por toda preocupação que já dei a eles. Acabaram de abrir um escritório de advocacia — por isso nos mudamos para Smithville. E começar um novo negócio é *difícil*. Sei o quanto é difícil, porque acabei de ajudar a começar um. São tantos detalhes com os quais se preocupar! E tomar conta de uma casa também é difícil.

— Acho que deve ser difícil estar no lugar deles — digo.

— Cama? — pergunta Jonah.

— Cama — respondo, fechando a porta. — E uma cama de verdade. Palha no chão, não sentirei sua falta!

— Boa noite, Ab — diz Jonah.

Dou um abraço apertado nele.

Então entro no quarto e vou até minha caixinha de joias na penteadeira. Quero ver Cinderela.

Lá está ela, sorrindo. Mas agora, em vez do vestido platinado e bufante, está usando um chapéu de cozinheiro. E um avental no qual está escrito “Crownies da Cinderela”.

Ah! Viva, Cinderela!

Branca de Neve está ao lado dela, ainda com meu pijama verde-limão.

Ah, não! Esqueci meu pijama de bolinhas em Flom! Bem... ele também era ridículo. E acho que pertence a Flom, já que tem as cores da bandeira do país e tal.

Tiro o vestido, que está coberto de fuligem. Estou prestes a jogá-lo no cesto de roupa suja quando percebo uma coisa.

Meu cesto está cheio.

E estou bem acordada.

Tenho uma ideia. Tiro o saco lotado de roupa suja do cesto e puxo para a porta.

Bato na porta de Jonah.

— Sim?

— Lavanderia — digo, abrindo a porta. Pego o saco de roupas do cesto dele e desço pelas escadas até a lavanderia, ao lado da cozinha.

Se consigo lavar roupa na mão em Flom, consigo entender como funciona a máquina de lavar em Smithville.

Mas quanto sabão em pó devo usar?

Leio as instruções. Moleza. É como seguir uma receita.

Não que eu concorde com outra aventura nem nada, mas é sempre bom ter calcinhas limpas que não entram no bumbum.

Só por garantia.

Agradecimentos

Obrigada, obrigada, obrigada:

A Laura Dail, minha superagente que nunca desistiu de (Farrah/Keri) Abby, e também a Tamar Rydzinski, a rainha dos direitos de tradução.

Aos meus excelentes editores, Aimee Friedman e AnnMarie Anderson, e ao restante do time da Scholastic: Abby McAden, Becky Shapiro, Janet Robbins, Allison Singer, Bess Braswell, Emily Sharpe, Lizette Serrano, Emily Heddleson, Candace Greene, Becky Amsel e David Levithan.

A Joel Gotler e Brian Lipson, por todo o trabalho duro em Hollywood.

Aos primeiros leitores e editores Elissa Ambrose, Courtney Sheinmel e Emily Jenkins (vocês três são estrelas do rock).

E também a Louisa Weiss, Leslie Margolis e Aviva Mlynowski pelas anotações espetaculares.

Atenção especial para Toni, Carly e Carol Adams, pelo apoio e entusiasmo. Viva, Torly Kid!

A Targia Clarke por tomar conta tão bem da minha família.

Obrigada também a: Larry Mlynowski, Jess Braun, Adele Griffin, Jess Rothenberg, Julia DeVillers, Lauren Myracle, Joanna Philbin, Emily Bender, Alison Pace, John & Vickie Swidler, Robert Ambrose, Jen Dalven, Gary Swidler, Darren Swidler, Ryan & Jack Swidler, Sharia & Heather Endleman, aos Stein, aos Mittleman, a Bonnie Altro, Farrin Jacobs, Robin Wasserman, Tara Alterbrando, Meg Cabot, Ally Carter, Maryrose Wood, Jennifer Barnes, Alan Gratz, Sara Zarr, Maggie Marr, Susane Colasanti, Elizabeth Eulberg e Jen Calonita.

Agradecimentos e amor para o meu marido (que também é meu suporte técnico, gestor para assuntos cotidianos e Príncipe Encantado), Todd. Ainda mais amor e beijos para a minha pequena Chloe, que sempre quer ouvir mais uma história.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Se o sapatinho servir

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/se-o-sapatinho-servir-447157ed506643.html>

Skoob da autora

<http://www.skoob.com.br/autor/1666-sarah-mlynowski>

Site da autora

<http://www.sarahm.com/>

Good reads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/771.Sarah_Mlynowski

Wikipédia da autora

http://en.wikipedia.org/wiki/Sarah_Mlynowski

Twitter da autora

<https://twitter.com/sarahmlynowski>